MENORES QUE O CÉU

gean paulo naue

Há autores que sabem tratar de momentos específicos da vida com maestria, e os contos que estão neste volume é um desses casos. Gean Paulo Naue nos emociona com narrativas tenras que encantam em seus mínimos detalhes, falando de infância e de juventude. Dominando as técnicas da escrita do conto, flanando entre os narradores em primeira e terceira pessoa, Naue nos presenteia com um mundo real (cheio de cores, sons, sensações várias), flertando com o maravilhoso cotidiano (que é, também, parte do mesmo real). São histórias delicadas, bem-contadas, sussurradas aos nossos ouvidos para nos encantar.

Com personagens marcantes, que tentam escapar de doenças incuráveis através de mordidas misteriosas, comer pastel sossegados no clube de campo, relembrar um irmão morto, Gean apresenta histórias que nós, leitores — essa espécie emotiva —, lembraremos de momentos pessoais, da universalidade da infância e da época escolar, das brigas com os irmãos. Tudo isso sem perder aquilo que realmente importa em um conto: uma narrativa bem-construída; e não só, pois são cheias do ingrediente fundamental da boa literatura: a humanidade dessas personagens. Assim, veremos que "pássaros são crianças desde o nascimento até a morte" nas reflexões de Liana, ou que os pinheirinhos sempre são montados na véspera de Natal e desmontados no Dia de Reis, nem um dia a mais, nem um a menos… ou, ainda, a força dos trovões e o medo do escuro durante as tragédias que, vez ou outra, nos acometem na construção de nossas vivências.

Para mim, no entanto, o que mais tocou foi que os relatos de Naue são, em verdade, minha história pessoal. Se o retrato de Itabira na parede dói a Drummond, os contos de Menores que o céu me doem na memória de um tempo que vivi. Impossível para um leitor — esses emotivos, eu já lhes comentei? — não deixar, aqui e ali, um suspiro tomar o nosso redor.

Vida longa aos contos deste Menores que o céu! Força criativa a Gean Paulo Naue para que não deixe de nos presentear e emocionar com sua literatura!

RAFAEL BASSI

editora Urutau

rua do cajú, 478,
jardim das cerejeiras
06724-015
cotia-sp (brasil)

rua manuel pacheco nobre, 128 - 5º esquerdo
2830-080
barreiro (setúbal)
portugal

[+351] 928053619 [portugal]
[+55] 11 9 4859 2 426 [brasil]

www.editoraurutau.com.br
contato@editoraurutau.com.br

[EDITORA]
debora ribeiro rendelli
[REVISÃO]
marcella sarubi
[PROJETO GRÁFICO]
wladimir vaz
[COORDENAÇÃO GRÁFICA]
tiago fabris rendelli
[DIAGRAMAÇÃO]
victor h. azevedo
[CAPA]
victor h. azevedo, sobre pintura de william holman hunt

© naue, 2022.

dados internacionais de catalogação na publicação (CIP) de acordo com ISBD

naue, gean paulo
N295m menores que o céu / gean paulo naue. - cotia : urutau, 2023. 124 p. ; 13cm x 19cm.

ISBN: 978-65-5900-477-5

1. literatura brasileira. 2. prosa. 3. conto. i. título.

CDD 869.985
2023-740 CDU 869.0(81)

elaborado por vagner rodolfo da silva - CRB-8/9410

MENORES QUE O CÉU

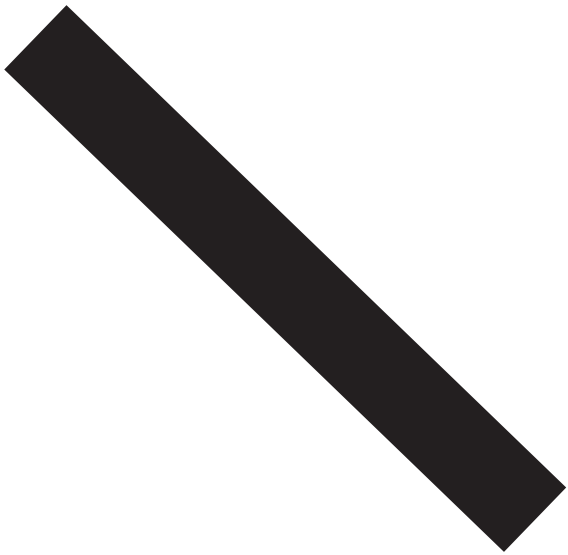
GEAN PAULO NAUE

[primeira edição]
URUTAU
abril de 2023

sumário

[9] A MAIOR MORDIDA DE TODAS
[26] NEM MESMO QUANDO MAIS SE PRECISA
[38] PASTEL DE QUEIJO
[43] MINHA QUERIDA
[51] UM DE NÓS
[57] A HISTÓRIA DE CISSINHA QUE TAMBÉM É A MINHA
[67] EM MEIO A ESSA PLANTAÇÃO
[75] PERDEDOR
[86] BARBA-DE-PAU
[96] UMA DE NÓS
[106] VAMOS JUNTOS

[115] **[posfácio]**
por Leila de Souza Teixeira



Para as professoras, os professores e a comunidade escolar da E.M.E.F. Odila Rosa Scherer, lugar da minha infância literária, onde aprendi a ler, a escrever e, ainda meio-criança, a criar minhas primeiras histórias.

Às vezes, pais têm filhos na esperança de consertar os erros de suas gerações. Embora acabe gerando toda uma série de traumas, às vezes.

Antônio Xerxenesky
no livro *Uma tristeza infinita*

A MAIOR MORDIDA DE TODAS

Ano que vem ninguém vai comemorar meu aniversário de treze anos. Todos os médicos que passei me deram o mesmo diagnóstico final e isso acabou adoecendo meu pai e minha mãe. Hoje, eu não sinto mais dor, ela tá controlada pelos remédios que preciso tomar todas as manhãs. Tirando o fracasso, o desânimo e o aborrecimento, ninguém diz que sou doente, mas sou. E não vou mais muito longe.

Todo mundo sabe que doença complicada tem nome estranho, a minha não seria diferente: thesaurus. Lembra "tesouros". Encontrar a cura pro thesaurus é igual achar e desenterrar um tesouro dos piratas. Esse meu thesaurus gerou outra doença, não em mim, mas nos meus pais. A doença de ter que me curar. Eles já me levaram a médicos e mais médicos, foram atrás de padres e de pastores nas maiores e nas menores igrejas. Ninguém encontrou o tal baú do tesouro.

Meus pais falam pra qualquer um sobre a bomba-relógio dentro de mim. Entre eles, esse é o único assunto que importa. Contar sobre o fracasso da medicina com o meu thesaurus costuma fazer as pessoas indicarem outros caminhos e, a partir disso, surgiram pajés, benzedeiras, magos,

bruxas e videntes. E, agora, um curandeiro chamado Pai Apike. Um homem de cabelo verde-musgo, fios banhentos que descem juntos em espiral até os ombros. Um velho com lábios de bergamota. Um ancião com nariz fino e sem curiosidade. Um corcunda em treinamento, com jeito de quem passou a vida toda de pé no planeta de gente sentada. Um vovô bem magrelo que usa roupas frouxas, talvez doadas.

A casa do Pai Apike é de madeira crua, sem tinta nas paredes. É afastada de qualquer coisa. Foi difícil de encontrar. Além de não ficar na nossa cidade, nem no nosso estado, tá escondida na floresta. Só se acha perguntando pras pessoas "Pra qual lado é a casa do Pai Apike?". Ninguém responde com certeza, mas nunca deixam de apontar uma direção pra seguir com o carro. Meu pai, enquanto dirigia sem uma rota traçada, disse que talvez não exista um caminho certo até o curandeiro. Pra encontrar ele, só precisa ser doente e querer a cura mais do que tudo. Querer a minha cura é algo que não falta nos meus pais. Seguindo por estradas que pareciam ter sido abertas a facão, ficava cada vez mais difícil disfarçar a estranheza da falta de pessoas, de casas, de plantações ou de qualquer outro sinal de interesse por essa parte do mundo.

Minha mãe, surpresa, deu um gritinho quando viu uma fila de carros na beira da estrada, estacionados perto da casinha de madeira. Depois de tanto viajar no meio das árvores, chegamos. E então começou a espera, chata, muito chata. Mais carros e mais gente moribunda chegaram. Na

nossa vez, entramos. Meus pais se sentaram no único sofá gasto de dois lugares. Eu, o doente, me sentei em um banco alto de madeira sem encosto no meio da salinha. Ninguém disse nada, Pai Apike nem sequer perguntou nossos nomes e qual era o problema. Ele fez voltas ao meu redor, com as mãos na minha cabeça.

Logo quando entramos, imaginei a desconfiança da minha mãe por não ver nenhum Jesus Cristo, Iemanjá, Oxum, Ave Maria Cheia de Graça ou qualquer outra cópia de padre e de santo pendurada nas paredes. Esse tipo de gente sagrada, que parece nunca ter existido de verdade, sempre esteve por volta, até mesmo nos hospitais. Às vezes, os quadros e as estátuas estavam acompanhados de flores e de velas nas casas dos curandeiros que já visitamos, aqueles que não fizeram nenhum milagre e mantiveram o thesaurus comigo. Na casinha do Pai Apike, porém, nada disso. Nem mesmo um anjinho pequeninho. Vai ver é sem a ajuda desse pessoal do céu que se consegue a cura.

As mãos do velho teclam a minha cabeça. Durante o atendimento, não escuto nenhuma voz de quem espera do lado de fora.

— Siem. — o fim do silêncio veio da boca do Pai Apike. — Siem. Siem. Ei de salir dessa — ele diz, olhando pros meus pais. A voz fina, arrastada e cheia de ar.

Fico calado, sentado no banco. Ninguém nunca nos prometeu a cura.

— O preço nón é baixo. — O velho tira as duas mãos da minha cabeça. Olho pra ele de canto. Tá sério e sereno, com um quase sorriso, ouvindo meus pais falarem que venderiam a casa, o carro, os móveis, morariam com meus avós e pediriam empréstimos.

— Nain. — O curandeiro levanta a mão esquerda. Meus pais ficam caladinhos. — Nain. Nain. Recuso qualquer tipo de diñero. É o preço do esforço, do esforço. Estain dispostos a pagar por ele? — A resposta dos meus pais é óbvia.

Eu não me sinto tão disposto, mas ninguém me pergunta nada. Sempre foi assim. Pra muitos exames que já fiz, rezas que passei, remédios que tomei, eu diria: não quero. Mas meus pais fingem que eu aceito qualquer coisa pra continuar vivo. É da doença deles disfarçar que vou morrer logo.

O curandeiro abre a porta por onde entramos e diz aos outros que não atenderá mais ninguém naquele dia. Culpado, é assim que me sinto. As pessoas lá fora, esperando por mais de quatro horas, sabe-se lá de onde vieram, tendo que abandonar a fila por minha causa. Devem me odiar ou pensar que tô à beira da morte. Isso é verdade.

— E amanhãm nón terá atendimento. Só quinta, a partir das cinco horas da manhãm. — O mais impressionante é que ninguém reclama.

Pai Apike fecha a porta e outra vez caminha em volta de mim.

— Tem um quarto de visitas e vocês dois — ele aponta pros meus pais — podem passar a noite anqui. A janta é sopa. Sempre, sempre, sempre sopa. É o que eu digó. Se o meninón jantasse sopa desde o nascimento, jamais teria doiênça.

Nunca aconteceu de jantarmos na casa de um curandeiro e comermos a comida dele como se fôssemos parentes. Pai Apike é diferente dos outros e eu não gosto nem um pouco disso. Não seria uma cama de hospital, mas também não é o meu quarto, que tá muito longe. Detesto a ideia de passar a noite na casinha, mas ela me parece ótima depois de saber que eu precisaria dormir na floresta.

— Esta é a cura. A cura. O meninón dorme na floresta. E o meninón leva mordida do Mão Pelada.

A confusão surge no rosto dos meus pais. Eles se olham, se olham de novo e só então me espiam. Eu fico apavorado com a ideia do Pai Apike. Sei que, se meus pais aceitarem, é como se eu mesmo aceitasse. Passar a noite no hospital e ser picado pelas agulhas já é assustador, mas não tanto quanto dormir no mato pra levar uma mordida sei lá do quê.

— Fantástíco, místíco, úníco. Mão Pelada carrega na sua boca a cura. A cura para qualquer, qualquer, qualquer doiênça.

— Qual espécie de animal é essa do Mão Pelada? — meu pai, acanhado no sofá, fala daquele jeito adulto o que eu mesmo quero perguntar.

Ficamos em silêncio. Esperando.

— Baum, baum, baum — Pai Apike entrelaça os dedos como se fosse rezar —, uns acham parecido a um cachorrón grande, outros com algo parecido com um lobo ou ursolo. Há quem díga que o Mão Pelada é um cavalón de pernas curtas.

— Ele tem várias formas, é isso? — minha mãe pergunta.

— Uma fórmula só, é claro. — Pai Apike, pela primeira vez, levanta o tom da sua voz, mas logo volta a ficar manso. — Da onde já se vil várias fórmulas, ram? Uma pessoa dissé que ele é um jacaré, mas ela estava muito cega já. Doiênça brava, brava, brava. Quando enxergou outra vez, era dia e o Mão Pelada não vem na luz do dia.

— Você já viu esse animal? — meu pai, outra vez inseguro, pergunta.

— E eu soul doiênte por acaso? — Pai Apike para perto do meu pai como se pedisse que fosse examinado de cima a baixo com o olhar. — Tomo sopa toda noite desde o nascimento. Nón vejo necessidade de encontrar o Mão Pelada. A beira da morte? Nem sei donde está.

Eu mesmo sou a beira da morte contando os últimos dias de vida. Depois do susto, tomo coragem pra dizer que não quero dormir no mato e não quero deixar um animal

com forma de jacaré me morder. Pai Apike repete pra deixar claro que apenas uma pessoa, quase cega, descreveu o Mão Pelada como um jacaré.

Meus pais não me deixariam sozinho na floresta pra ser atacado por um animal estranho. E mesmo que fosse um bicho conhecido, uma abelha, quais pais aceitariam isso? Passar a noite lá fora. Logo eu que nunca pude dormir fora de casa, nem mesmo nos meus primos, porque sempre fui o menino doente. Acreditei que meus pais estivessem do meu lado, mas qual é o meu lado? Ninguém quer saber. Ninguém me vê, só enxergam a doença e a busca pela cura. A cura, eu já entendi, ela não existe, essa verdade até os médicos sabem. A cura só tá na cabeça dos meus pais. E no momento em que a minha mãe se ofereceu pra ir comigo no mato, eu achei que voltaríamos pra casa e esqueceríamos a história do Mão Pelada.

— Nain, senhôra. Ninguém vai com o meninón. — O curandeiro se aproxima da porta com rapidez e já vai logo abrindo ela. — Sinto muito, mas questa é a cura para a doiênça. Se não querem, podem ir embora. Vá, vá, vá.

Os pés do meu pai tremelicam. Ele fica tentado e quase se levanta do sofá, mas minha mãe nem se mexe. Por nós, ela decide: vamos ficar.

— Entonces, resolvido, o meninón dorme lá fora, ram? — Como ninguém sai da casinha do curandeiro, Pai Apike volta a fechar a porta. — O preço é alto, como eu dísse. Para problemas menos grandes, eu dou sopa.

Ao entardecer, tomamos sopa. Não é nada ruim. Tentamos identificar os ingredientes, mas Pai Apike acaba com o nosso jogo. Diz que não conhecemos nenhum. Pra nos tranquilizar, ele conta algumas histórias de pessoas mordidas pelo Mão Pelada, diz que ninguém nunca desapareceu, se machucou ou morreu no meio da floresta e todos voltaram com a marca da cura em alguma parte do corpo.

Até o final da sopa, meus pais se acostumaram com a ideia da mordida. Eu não, mesmo com o esforço do Pai Apike em me animar:

— O que é ulma noite em comparação a ulma vida toda pela frente, ram? — O curandeiro se levanta da mesa de forma inesperada. — Agora, bamos, bamos, bamos. Está aprontado, meninón?

Pai Apike deixa levar um travesseiro e um cobertor, como se isso fosse melhorar a minha situação. Meus pais até tentam me alegrar com uma brincadeirinha, fingindo que eu tô indo acampar, sendo que eles nunca me levaram pra um acampamento. E agora, como mágica, me deixam ir sozinho. Mas não quero e vou mesmo não querendo. Carregando o travesseiro e o cobertor, sigo o velho curandeiro pela floresta.

Escurece rápido.

— Nón se assuste ao ver o Mão Pelada. É um animal muito sensitivo. Ao som do menor grito, ele correle — Pai Apike diz enquanto abre caminho pelo mato.

O meu medo vem da própria floresta, da sensação de tá perdido, sem um caminho certo por entre as árvores. Se eu precisar fugir, nem sei onde começar. A floresta é tão diferente dos hospitais com seus corredores e suas portas numeradas; se você for pra esquerda vai dar na UTI, se for pra direita na CTI; cantina e pronto-atendimento no andar térreo; aperte o botão pra chamar a enfermeira; não entre na sala de raio X quando a luz vermelha estiver acesa. Mesmo com vontade de fugir pro carro e passar a noite lá dentro, escondido no chão do banco detrás, me deito entre as folhas. Pai Apike me diz pra deixar os braços e as pernas esticados, fora do cobertor.

— Quanto mais pele amostrá, mais lugares o Mão Pelada terá. — Com essa rima, o velho pega o rumo de volta pra casinha e some.

Dormir em um lugar novo não é fácil e fica mais difícil quando ninguém dá remédios que atiçam o sono. Nas primeiras horas da noite desejo que meus pais, na casinha distante, também não consigam dormir. Imagino meu pai se revirando na cama, com calor e com frio, chamando minha mãe pra dizer que é loucura me largar tão doente em uma floresta. Ela concordaria, mas nem por isso deixaria a cama pra vir atrás de mim. O preço é alto, como disse o Pai Apike. Esse sim estaria no melhor sono da região, dormindo na casa e na cama escolhida pra ser sua. Longe de pegar no sono, meus pais poderiam contar de um a sessenta, igual relógio que não pensa em outra coisa a não ser nas horas,

mas espero que nem isso afaste deles a minha imagem sozinho na floresta.

Eu tô no nada. Os incessantes barulhos de vários grilos e sapos não perdoam meus ouvidos. É ainda pior que aquele exame, aquele em que enfiaram uma microcâmera no meu traseiro pra ver o que acontecia dentro de mim e, no fim, concluir com o thesaurus. Com o diagnóstico de sempre: morte antes de completar treze anos.

Começo a me lembrar dos médicos e dos exames desses anos todos. Não guardo o rosto dos doutores e das doutoras, mas as conclusões das análises são inesquecíveis, ainda mais quando apontam pro mesmo lugar. Meus pais poderiam expor em uma galeria de arte todas as minhas chapas de raios X, tomografias e imagens das ressonâncias. Na exposição, colocariam uma estátua minha, de dois metros de altura, feita com uma montagem de todas as seringas que já me picaram, com as bolsas de soro que já recebi, com as cartelas de comprimidos e de cápsulas que já tomei. Nas paredes desse meu museu da doença estariam projetadas as gravações dos exames que já fiz e que viraram vídeos. Se juntar tudo, eles devem ter a duração de um filme.

E agora isso: acreditar em um animal noturno e misterioso com a cura na mordida. Outros bichos têm venenos nas presas e podem curar, mas nesses anos todos de exames e de medicamentos, nenhum médico sugeriu um tratamento desse tipo. Uma mordida do Mão Pelada salvaria a minha vida, é o que o Pai Apike diz, mas uma picada de

cobra ou de aranha venenosa, de lacraia ou de escorpião, uma mordida de onça ou até mesmo de um jacaré, acabaria comigo antes da doença de thesaurus. Se alguém sugerir que a minha cura tá no banho de duas horas em uma piscina com trezentas e quatro sanguessugas, meus pais arranjariam essa piscina. Me querer vivo é a doença dos meus pais.

No entanto, quando lembro que não me sobra nem ao menos um ano completo, já não me preocupo mais com cobras, aranhas, lacraias, escorpiões, onças e jacarés. Não tenho medo, nem mesmo do Mão Pelada.

Olhando pro céu, me dou conta de que sempre odiei a natureza e agora preciso fazer dela a minha cama. Os grilos e os sapos fazem tanto barulho que me ensurdecem e nem incomodam mais. O cheiro verde ao redor me lembra os chás feitos pela minha mãe pra aliviar as dores de barriga, quando não sabíamos que o significado dessas dores eram os primeiros sinais do thesaurus em mim.

Escuto barulhos, como se fossem passos. Me desperto de um quase-sono. Meu coração entra em pânico. As pontas de todos os meus dedos fervem muito rápido. Fico imóvel, lembrando as orientações do Pai Apike. O som se aproxima. Não me parecem quatro patas, nem mesmo um corpo rastejante feito cobra ou jacaré.

Imagino o meu pai escapando da casinha do curandeiro e minha mãe tentando agarrar ele pra não ir atrás de mim, mas meu pai sempre foi o mais forte da nossa família. Ele consegue correr descalço no mato e tem um bom reflexo

pra desviar dos galhos e das folhas, mesmo na escuridão. Se ele me encontra, me leva pro carro e deixa a minha mãe aqui. A doença dos meus pais sempre foi mais cruel na minha mãe.

Levanto a cabeça. Não é o meu pai que veio me resgatar. Vejo o Mão Pelada iluminado pelo brilho da lua. Sei que é ele porque nunca vi nada igual.

Quando fiz os primeiros exames de sangue, na época em que o thesaurus nem era comentado na família, eu desmaiei e isso foi bom, me poupou da dor. Eu quero desmaiar de novo ao ver o Mão Pelada, mas, depois de ser revirado diversas vezes pelo pessoal dos hospitais, é quase impossível desmaiar. Então fico desperto. Vivíssimo. Se colocarem uma lâmpada na minha boca ela acende, tamanha é a velocidade do sangue correndo dentro de mim.

O Mão Pelada não lembra um cachorro grande nem um lobo ou um urso. Muito menos um cavalo de pernas curtas ou um jacaré. O Mão Pelada é quase um homem, mas com nariz de porco e olhos de gato. A pele branca feito papel aparenta ser fina, úmida e sufocante; pele de borracha, fragilizada, além de muito lisa, com marcas de quem teve os pelos recentemente arrancados com violência. Imagino ser por causa do couro irritado que o animal só sai quando não tem sol.

A luz da lua ilumina todo o Mão Pelada. O tronco alongado e os dois braços muito curtos, incapazes de tocar, com suas mãos de boneca, a própria cintura e a testa. As

pernas longas, tortas e miseráveis. A criatura tem a cabeça igual à de qualquer pessoa, mas sem as orelhas. A boca no lugar em que deve ficar uma boca, porém sem os lábios; é só uma fenda seca, cópia de um corte cicatrizado há muitos anos. A ausência de um sexo e a presença de um rabo de ratazana, saindo das costas, me fez perguntar quem é o doente na floresta: eu ou ele?

O animal se aproxima. Faz grunhidos, lembra uma barriga vazia pedindo comida. Todos os exames, indicativos da minha morte, têm uma aparência melhor que a do Mão Pelada. Ele baixa a cabeça e todo o tronco pra me cheirar. O nariz raspa duro e frio na minha perna esquerda. Quero me encolher, mas fico imóvel, sempre lembrando do que o Pai Apike disse.

Pelo que ainda me resta da vida, eu só desejo a mordida dele. O nariz do Mão Pelada se arrasta no meu corpo. Tira o cobertor de cima de mim, levanta a minha camiseta. Ele tá escolhendo o lugar pra me morder. Pela proximidade, sinto o seu cheiro agressivo e inflamável. Me deixa tonto. É tipo uma anestesia geral.

* * *

Acordo com o Pai Apike acocorado, cagando há poucos metros de distância de onde tô deitado. Ele pergunta, enquanto se limpa com alguns capins verdes que arrancou do chão, se eu vi o Mão Pelada. Aceno com a cabeça que

sim e, devagar, me levanto. Pego meu travesseiro e meu cobertor. Satisfeito, o curandeiro se coloca de pé e puxa as roupas. Vamos em silêncio pra casinha onde meus pais me esperam na porta dos fundos. Mal nos aproximamos e o velho dá a notícia.

Sou levado pra dentro. Meus pais quase cantam de alegria. Tô curado. Na mesa em que tomamos sopa na noite anterior há um café da manhã miúdo. Nada de café preto ou leite, só chá. Nada de pão ou biscoito, só bananas.

Meus cotidianos remédios da manhã me esperam na mesa também.

— Entonces, em qual lugar foi dada a mordida, ram? — Pai Apike pergunta curioso como se tivesse apostado em segredo com meus pais.

Ainda mastigando a banana, toco meu corpo com as duas mãos. Levanto a camiseta, acreditando achar a mordida na barriga, no lugar onde o thesaurus tá enterrado em mim. Não vejo nada. Pai Apike chega perto com pressa, arranca a camiseta e olha minhas costas.

— Adonde está a mordida? — o velho grita. Vasculha as minhas pernas, baixa minhas calças e minha cueca, que eu logo puxo de volta. — Nón há mordida.

Sem mordida, sem cura.

— E agora, meu Deus? — Minha mãe, que até há pouco sorria, retoma seu choramingo de anos.

— Isso nunca aconteceu. Todos que dormem na floresta são mordidos e voltam curados. — Enquanto coloco minha camiseta, Pai Apike continua ao redor. Procura no meu cabelo e nada. — Só há ulma solução: dormir outra vez láin fora.

Naquela noite, banhado pelas ervas purificantes do Pai Apike e depois de tomar sopa, entro com o velho na floresta outra vez. Não há como piorar. O medo, agora, é de não ser mordido e ter que continuar buscando a cura.

Pai Apike me deita no mato, como na noite passada. Pergunto sobre o Mão Pelada não querer me morder.

— Nón sei criância. Todas as pessoas doiêntes foram mordidas. Inté mesmo os velhos e os feios com as perebas mais nojentas e fedidas desse mundo. Você já ouviu falar em berne? Em berne no cérebro? Nón queira saber, meninón. Nón queira. Nón queira.

O curandeiro vai embora, não sem antes dizer mais de cinco vezes pra eu ficar paradinho. Faço isso. Fico sem me mexer como se não existisse, olhando pro céu que tá muito longe de mim, mas mesmo assim parece ser mais meu amigo do que a floresta ao redor.

O Mão Pelada reaparece. Igual surgiu na primeira noite. Passa o focinho de porco nas minhas pernas e sobe. O cheiro dele queima e faz arder meus olhos. O nariz duro passa pelo meu cabelo. É quando peço, sussurrando, já meio tonto, que me morda.

O animal se afasta feito vaca com medo do laço do vaqueiro. Fico de pé e ordeno que me morda. O Mão Pelada se assusta e recua. Ele tá prestes a fugir. Pego o travesseiro do chão e atiro contra o seu rosto. Muito mais alto que um gato, ele chia na minha direção. Escancara a boca com gengivas vazias até que consigo ver fendas se abrindo e delas aparecem dentes pontudos e irregulares. É a mordida que eu preciso. É a mordida que o Pai Apike e os meus pais querem. Mesmo detestando aqueles dentes tortos, peço, aos berros, que me morda. O Mão Pelada corre por entre as árvores. Some rápido. É impossível perseguir a criatura.

Sei que perdi o animal. Pego o travesseiro e me deito. É o que me resta.

Acordo ao amanhecer, sem me lembrar de um só sonho. Passo a mão pelo corpo, olho por tudo e nenhuma mordida.

Cravo meus dentes com força no braço direito. Chupo a minha pele pra formar uma mancha escura. Mostro essa minha marca ao curandeiro assim que ele chega.

— Mas nón é a mordida do Mão Pelada, ram? — O velho me desmascara tão rápido que nem consigo me defender ou inventar uma desculpa.

Não dá mais. Choro na frente do Pai Apike. Não aguento, não seguro, mas me envergonho. Pego o cobertor pra esconder o meu rosto. Tô cansado, me sinto muito cansado. O curandeiro se senta do meu lado e eu peço pra

ele mentir pros meus pais. Não quero mais os médicos, os exames, os remédios, as santas, as benzedeiras, os curandeiros tentando me livrar do thesaurus. Tô enjoado de ouvir falar em cura. O que eu mais quero é tá em casa. Eu amo tá em casa. Passar meus últimos dias, sejam eles poucos ou muitos, com os brinquedos e os jogos que ganhei durante todos os meus doze anos. Assistir aos desenhos que, mesmo repetidos, me fazem rir. Comer biscoito recheado de chocolate, de morango, de baunilha e mergulhar eles no leite até ficarem moles. Trocar a escola, que já não me serve mais de nada, por manhãs na cama e tardes correndo na rua. Tomar banho de chuva que eu nunca pude.

— Cria, sinto algo. A pessoa errada foi enviada para esta floresta. Mas eu nunca menti na minhá vida, ram? E é bem por isso que sou curandeiro.

Antes de chegar na casa do Pai Apike, digo ao velho que ele não mentiria. Existe uma marca no meu braço. Não é a mordida do Mão Pelada, mas ainda assim é uma mordida.

Quando nos aproximamos, meus pais, doentes daquele jeito, ouvem o curandeiro dar a notícia aos berros:

— Temos ulma mordida. É a maior mordida de todas. Nunca, nunca, nunca vi nada igual na minha vida.

NEM MESMO QUANDO MAIS SE PRECISA

Engravidar e ser abandonada pelo pai da criança foi a pior coisa para a mãe de Jamil.

Jamil, toda manhã depois do café e antes de ir à escola, leva milho quebrado até o galinheiro. Sempre encheu bem o potinho, coisa que a mãe não gosta. Para ela, pote transbordando ou pela metade, tanto faz, as galinhas colocam a mesma quantidade de ovos.

Não encontrar o galo foi a pior coisa para Jamil. Ele abre o mínimo possível da porteira e entra rápido no galinheiro, nenhuma galinha tem chance de sair; espalha o milho quebrado, salpicando a terra de amarelo. As nove galinhas correm para ciscar o chão, mas o galo não aparece. Jamil pensa em Edimundo, o vizinho ao lado.

Dois dias atrás, Edimundo pediu licença para acessar o telhado da sua casa pelo muro que divide os terrenos. Ele precisava firmar a antena da televisão. A mãe de Jamil emprestou a escada para o vizinho subir. Jamil ficou em volta, achando graça.

Edimundo subiu de um jeito: calmo e cauteloso; e desceu de outro: eufórico e animado. Ficou surpreso ao ver, lá

de cima do telhado, o galo. E, a partir de então, teimou em querer o animal. Pela cantoria, sempre me pareceu ser um galo bem velho, ele disse, mas tô vendo aqui, ele tá com tudo e é galo da raça shamo, moleque, são muito bons de briga. Pescoço duro, sabe? Um desses nem precisa treinar, isso é bobagem. Eles são briguentos por natureza. Jamil nada entendia de pescoço duro e treinamentos de galo, mas acompanhou o vizinho, que queria ver o animal de perto.

Edimundo contou sobre a rinha que armava todas as terças de tarde dentro de um quartinho. Uma rinha sem treino, sem juiz, sem armas e sem muito barulho. É do jeito antigo mesmo, só os bichos brigando até um deles cansar ou morrer e nada mais, o vizinho explicou enquanto seguia o galo com o olhar, o vencedor fica com um dinheirinho bão e eu também, só por ser o dono da arena e conseguir os galos lutadores.

Jamil estava pouco interessado na história. E a antena?, ele perguntou ao vizinho que falava da rinha, arrumou ela? Admirado pelo galo, Edimundo respondeu que a antena estava firme. Olha só o tamanho do esporão desse galo, o vizinho disse, quase mordendo a grade de metal do cerco do galinheiro, quanto você quer por ele? Quero comprar. Jamil respondeu que não queria nada. Meu Deus. Posso levar o galo de graça? Não tô acreditando nisso, moleque. Não. Não pode, Jamil acabou com a explosão do vizinho, ele não tá pra vender.

Edimundo fez ofertas. Iniciou em cinco e parou em trinta reais. Jamil só recusou. E, quando o vizinho ameaçou falar com a mãe do guri, ele respondeu firme: o galo não é dela, é meu e eu não vendo.

Edimundo insistiu que o galo do galinheiro de Jamil era um bicho de briga e prometeu cinquenta reais, além dos trinta, caso o animal vencesse. Jamil persistiu no não. Porra, pivete, você sabe quanto tempo demora pra crescer um esporão tão grande e forte como esse do seu galo? Jamil não sabia e falou que o galo deveria ser bem velho: deve ter idade pra ser meu pai e não tá pra vender.

Descontente, Edimundo foi resolver com a mãe de Jamil. Ela disse que, por ela, poderia levar o bicho de graça. Jamil bateu o pé. Quase gritando, esbravejou: não é pra dar o galo de jeito nenhum. Como vê, o menino gosta do bicho, então você não vai poder levar. Agora, se quiser uma galinha, eu até vendo por três reais. Jamil olhou furioso para a mãe: nem galo nem galinha estão pra vender.

Edimundo negou a oferta da galinha: sabe que é, dona? Galinhas são burras e não servem pra rinha. A mãe, antes de voltar para o seu trabalho de costureira, perguntou ao vizinho se ele não tinha medo de ser preso. Rinha de galo dá cadeia, viu? Tu tá lasquiado se a polícia bate aí.

Certo do fracasso da venda do galo, Edimundo não deu muita atenção, disse que era esperto e voltou para casa.

Era óbvio para Jamil que o sumiço no galinheiro só podia ser coisa do vizinho. E, preocupado, ele corre para dentro de casa, deixa o pote no saco de milho quebrado e vai direto ao quarto da mãe; o quarto onde ela dorme à noite e costura durante o dia. Jamil choraminga, diz que Edimundo roubou o galo: hoje é terça-feira, dia de rinha. A mãe, concentrada nas costuras, faz pouco caso: eu não corri nem atrás do teu pai, aquele desgraçado, quando ele me deixou embuchada de ti. Eu lá vou correr atrás de galo, menino?

Jamil seca o choro, sai do quarto e pega a bicicleta. Vai até a casa de Maiquelle, sua amiga e colega de aula. Bate na porta com pressa e com pouca força para não assustar a guria que passa as manhãs e as tardes sozinha em casa enquanto os pais trabalham. Ele bate na porta outra vez. Nada de Maiquelle atender. Lembra-se que ela contou para a professora que, por ordem dos pais, é proibida de abrir a porta. Jamil, então, grita: abre, sou eu. Preciso muito falar contigo. É rapidinho, Maiquelle. Abre. Sou eu aqui, Jamil. Funciona. Maiquelle abre a porta, mas só o suficiente para deixar a cabeça loira para fora. Maiquelle, olha só, Jamil diz com urgência, eu preciso, muito, emprestado o celular do teu pai.

Jamil nunca viu um celular na vida, mas sabia que o pai de Maiquelle tinha um. Ela mesma contou, outra vez para a professora, que já havia conversado com sua tia de São Paulo pelo celular do pai e precisou falar bem rapidinho porque as ligações dos celulares são caras.

Quando Maiquelle quer saber para quem ele vai ligar, Jamil responde: é pra polícia. A garota sorri. Você quer ligar pra polícia? Enquanto Jamil conta toda a história do sumiço do seu galo, Maiquelle abre mais e mais a porta. Meu pai não tá em casa agora, ela diz, depois de ouvir tudo e também achar que Edimundo deveria ser preso, ele leva o celular para todos os lugares porque os celulares são assim. A garota dá a ideia de ir à casa de Fabrício, usar o telefone dele. Mas logo se lembra: os pais do Fabrício cortaram a linha. Meus pais também cortaram aqui, é muito caro. Deve ser por isso que sua mãe não tem telefone em casa. Jamil concorda: se tivesse telefone lá em casa, seria só pra bonito. Minha mãe não ia deixar usar, pra não gastar.

Os dois tramam para eliminar o celular da missão, mas nada funciona. Maiquelle, então, dita o plano de se encontrarem logo depois do meio-dia. Meu pai chega, deixa o celular no quarto, almoça e dorme no sofá um pouco. A garota explica: eu entro no quarto, pego o celular e a gente se encontra lá no murinho. Você liga pra polícia e eu volto rápido, deixo o celular no mesmo lugar e pronto. Entendeu? Vai funcionar! Mas, Jamil, a seriedade rouba o lugar da animação no rosto de Maiquelle, você precisa saber o número da casa do Edimundo. Isso é muito importante pro plano dar certo.

Jamil sabe o que precisa fazer: ter o número da casa do vizinho para passar o endereço completo à polícia. Combinados assim, ele volta para casa na sua bicicleta, confiante na ideia da amiga. Maiquelle é a mais inteligente da turma

e a única criança da rua que já falou em um celular e tem uma tia morando em São Paulo.

Com o galo a mãe de Jamil não se preocupa, mas com filho sim. Quando Jamil chega em casa, o berro da mãe explode: saiu de casa sem avisar. No meio da bronca, ele diz que levou um caderno de aula para Maiquelle. Um caderno, é? Mas vocês estão de férias da escola. A mãe volta para a máquina de costura, mas ainda falando alto: olha bem, menino, se eu souber que você tá aprontando, eu te levo pra tua vó. Só podia ser filho daquele traste mesmo. A máquina de costura também xinga, faz o chão tremer com sua voz grossa e sua língua estranha feita de *truuu-truuu-truuu*. A mãe pisa no pedal com a mesma força que fala alto. Jamil não entende os xingamentos da máquina de costura, fiel aliada da mãe, só sabe que ambas estão irritadas. Eu preciso educar, colocar os limites, trabalhar para ter comida e você fica por aí feito o vagabundo do seu pai? Tocar na palavra *pai* é uma maldição para a mãe. Jamil tem medo que ela se descontrole e costure os dedos. Tem medo de nunca ver o pai. Tem medo de perder o galo para sempre. E ele sabe que é impossível dizer alguma coisa com a mãe e a máquina de costura xingando ao mesmo tempo em línguas diferentes. Agora, te some da minha frente. As rinhas na casa de Jamil sempre acabam com a última palavra da mãe.

Jamil sai do quarto e vai até o galinheiro com o sonho de ver o galo de volta, perambulando com as galinhas, como sempre foi. Queria ter sido enganado pelos próprios olhos que esconderam, logo cedo, pela manhã, o galo de-

baixo do seu nariz. O animal continua desaparecido. Como se não bastasse o sumiço do galo, as galinhas estão estranhas, correm para lá e para cá. E Jamil precisa concordar com Edimundo pelo menos em uma coisa: as galinhas são mesmo muito burras. Além de burras, são porcas; cagam na água que tomam, no ninho que colocam os ovos e no chão que ciscam. Ainda assim, apesar de tapadas, Jamil considera as galinhas simpáticas e bem-humoradas. Elas estão sempre juntas umas das outras. São da mesma família.

Com a ausência mais do que confirmada, Jamil passa o resto da manhã vasculhando os lugares na esperança de encontrar o galo. E nada dele aparecer.

Seguindo o plano de Maiquelle, depois do almoço e de lavar a louça às pressas, Jamil avisa a mãe que vai andar de bicicleta no terreno baldio do outro lado da rua. A mãe, como sempre, come e já volta para a costura. Antes de sair, Jamil pega uma caneta. Ele passa na frente da casa de Edimundo, anota o número "017" na palma da mão e atravessa a rua até chegar no murinho. O murinho é um pedaço de parede na altura da cintura de Jamil, resto de uma casa de tijolos e, agora, serve de arquibancada para que Jamil se sente e espere. Olha para os lados da casa de Maiquelle, esperando que ela apareça. Fica nervoso pela demora, confere o número anotado na mão e imagina a amiga sendo descoberta pelo pai ou, pior ainda, descoberta pela mãe.

Pode ser que Maiquelle não apareça. E, olhando a bicicleta escorada no murinho, Jamil pensa em alguns outros planos. Talvez subir pela escada deixada por Edimundo, pular o muro, salvar o galo e depois dar um jeito de sair. Talvez jogar a bola por cima do muro e ter uma desculpa melhor por estar invadindo o pátio do vizinho. Talvez bater na porta e dizer com firmeza para devolver o galo. Talvez só ameaçar chamar a polícia já bastaria.

Jamil pega a caneta no bolso da calça e reforça o número "017" na mão, para garantir que ele não se apague. Maiquelle aparece com sua bicicleta de repente. Jamil toma um susto. Consegui, ela diz assim que chega. No guidão da bicicleta lilás da garota está pendurada uma sacola amarela. De dentro dela, Maiquelle tira uma caixa de sapatilha. Uma caixa cor-de-rosa com estrelas douradas, que ela coloca em cima do murinho, logo depois de sair da bicicleta. Falei pra minha mãe que eu ia levar umas roupas de Barbie pra Ingrid e já voltava, a garota diz, e abre a caixa cheia de pequenos vestidos coloridos e brilhosos. No meio dos tecidinhos está o celular preto.

Jamil acha o aparelho parecido com um controle remoto de televisão, porém com uma pequena antena. Ele não tira os olhos do celular que Maiquelle pega na mão. Ela aperta os botões e uma luzinha verde liga na tela. Jamil acreditava que o aparelho fosse menor.

O galo é seu, você fala, Maiquelle diz quando ele confessa que tem medo da polícia, eu já consegui o celular, ou

você fala ou eu não ligo. Jamil continua encarando o aparelho na mão da amiga. É a chance de salvar o seu galo. Ele diz para Maiquelle ligar.

O número da polícia se aprende na escola. Jamil não sabe ao certo se é um, nove, zero ou um, nove, um ou um, nove, dois ou um, nove, três. E nem precisa, Maiquelle logo pressiona o um, o nove e o zero, e depois o botão verde. Entrega o celular para o amigo. Nossa, como é pesado. Jamil diz. A garota fala que é para tomar muito cuidado e não deixar o celular cair, o que faz Jamil segurar o aparelho com as duas mãos na orelha.

Jamil fica em silêncio por um tempo e depois começa a gaguejar. Mal fala o nome completo. De curiosos, os olhos mudam para apavorados. Pupilas estáticas e cheias de água. Jamil fala, fala, fala, mas não diz nada. Treme por inteiro, até mesmo na voz, na voz seca, e não completa uma palavra sem patinar nas sílabas. Dá aqui, deixa que eu falo, Maiquelle arranca o celular das mãos dele. Alô, aqui é Maiquelle Bianca de Souza. Eu e o meu amigo, Jamil Camargo, queremos fazer, por gentileza, uma denúncia de rinha de galo, por favor. Muito obrigada.

Jamil fica admirado com a firmeza da amiga, seca os olhos carregados na manga do moletom. Para não desconcentrar Maiquelle, ele fala baixinho que a polícia precisa aparecer depois das duas horas. Ao celular, Maiquelle diz o horário e em seguida pede o número da casa de Edimundo. Jamil mostra a palma da mão bem em frente ao rosto da

amiga e só baixa quando Maiquelle termina a ligação. Eles me falaram que vão vir logo depois das duas horas.

Sem perder tempo, Maiquelle esconde o celular entre as roupas de boneca, fecha a caixa da sapatilha e a coloca de volta na sacola; monta na bicicleta lilás com pressa e pedala rápido rumo a sua casa. Nem dá tempo para Jamil falar qualquer coisa. Vendo ela ir, ele se senta no murinho. Maiquelle some da sua visão. Resta olhar para a casa de Edimundo logo à frente, onde nada acontece por um bom tempo. Jamil dá voltas e mais voltas de bicicleta no terreno baldio, até que um carro cinza, velho, estaciona do outro lado da rua e cinco homens saem.

Os homens entram na casa de Edimundo. Não batem na porta, só entram. Homens com tamanho o suficiente para serem o pai de Jamil, mesmo sem ele saber qual seria a idade ou as cores dos cabelos, dos olhos e dos dentes do pai.

Como se fosse a melhor surpresa de todas, Maiquelle aparece pedalando sua bicicleta lilás feito uma doida e dizendo que, se pegou o celular sem ninguém perceber, também conseguiria escapar de casa sem ninguém perceber. Meus pais foram trabalhar e eu vim voando, é só eu voltar antes das cinco horas da tarde. Maiquelle mostra o relógio rosa no pulso. Jamil não tem dúvidas, ela é a menina mais esperta do mundo, até mesmo fora da escola.

Os dois se sentam no murinho e ficam cuidando a casa de Edimundo. Logo a polícia chega. Vai ser muito legal. Nunca vi ninguém preso na minha vida todinha, Maiquel-

le diz enquanto olha para o relógio. Jamil já viu alguém preso, mas não fala nada à amiga. O preso que ele conhecia era a própria Maiquelle, sempre trancada em casa por ordem dos pais.

Jamil pergunta as horas e a amiga diz. Já passa das duas e meia da tarde. Depois fecha três horas e três e vinte. Eles não vão vir, Jamil resmunga. Ele imagina seu galo brigando ao mesmo tempo em que espia os ponteiros do relógio. Três e meia. Vai ver aconteceu algum acidente grave, um roubo ou algo assim, Maiquelle fala enquanto risca um "M" no murinho com um pedaço de tijolo, mas a polícia me disse que vai vim.

Será que o meu galo morreu? Maiquelle diz que não, acha que não. Ela atira o pedaço de tijolo em direção à casa de Edimundo. E o meu pai? Será que o meu pai morreu?, Jamil teve vontade de perguntar. A amiga sabe muita coisa. Com certeza, teria uma resposta. Mas ele não pergunta.

Os ponteiros do relógio no pulso de Maiquelle andam e nada. Jamil imagina o seu galo quase morto, atirado em algum canto. Na casa de Edimundo, nenhuma movimentação, todos os homens ainda estão lá. Só falta, mesmo, a polícia.

Passado das quatro horas da tarde, Maiquelle diz, muito baixinho, que precisa voltar pra casa. E vai. Jamil quase pede para ela não ir, mas sabe que a amiga é uma prisioneira dos pais. Ele fica. Está sozinho no murinho. Não tem vontade de andar de bicicleta nem vontade de voltar para

casa. Não tem fome nem sede. Não tem graça. Pensa nas galinhas não mais como umas malucas andando de um lado para o outro, e sim paradas no galinheiro igual ele está no murinho. Galinhas burras e, agora, galinhas tristes, porque ele mesmo está se sentindo desse jeito. As galinhas não seriam tão burras a ponto de não sentirem tristeza.

A porta da casa de Edimundo se abre e os homens saem de uma vez só. Caminham em direção ao carro sem dizer uma palavra. Nem tchau, até logo, a gente se vê. Depois que o carro se vai, fazendo barulho alto, tudo volta a ficar parado e em silêncio na casa do vizinho.

O sol e sua claridade vão se indo. Jamil e o murinho escurecem aos poucos. Quando a mãe chama aos berros, ele se levanta. Se dá conta do número escrito na palma da sua mão e esfrega os dedos no "017" até virar um borrão azul. Jamil empurra a bicicleta até chegar em casa, com a certeza de que o seu pai é da polícia porque ele nunca vem, nem mesmo quando mais se precisa.

PASTEL DE QUEIJO

A própria profe Clarice já me disse que sou boa em matemática. A tia da lanchonete me entrega o troco. Faço as contas, dá pra comprar mais dois pastéis e uma latinha de Coca-Cola. Digo pra tia que vou guardar o dinheiro. Caminho até a mesa grande onde as professoras pediram pra gente deixar nossas coisas. Coloco o troco no bolso menor da mochila. Minha mãe me deu vinte reais e, antes de falar pra não comprar bobagem, disse pra não gastar tudo. Depois de guardar o dinheiro, volto pelo caminho, seguindo o rastro de pingos de água que eu mesma criei com meu corpo molhado. Comigo sempre acontece que quando tô na piscina é bom, mas quando saio já me bate um frio danado. E eu tô com frio já, mas a fome é mais forte. Volto pro balcão da lanchonete. Atrás dos pacotes de salgadinho e de pipoca doce, o relógio marca três e quarenta. Bem na hora do recreio. Salgadinho e pipoca doce, isso sim são bobagens pra minha mãe e não o pastel que a tia me entrega, já avisando que tá quente.

Seguro o pastel nas pontas dos dedos enrugados. O guardanapo logo fica molhado na minha mão. É a primeira vez que eu vou comer pastel de queijo. Por fora, olhando

assim, parece pastel de carne. Só que o pastel de carne é mais pesado. Pode ser que eu não goste e mesmo assim vou ter que comer. Agora já tá pago, até porque a tia da lanchonete não tem cara de quem devolve dinheiro. Devagar, caminho e assopro o pastel. Escuto mais de longe uma gritaria. Vem lá da piscina. Do quiosque da lanchonete dá pra ver o pessoal da escola se aglomerando, meus colegas estão lá. Atrás de mim, a tia me pergunta o que aconteceu, mas como eu não sei, fico quieta, soprando o meu pastel.

As piscinas estão longe da lanchonete, não dá pra entender bem, até que o salva-vidas se afasta do pessoal e grita na minha direção: "Mariane! Pega o carro, tem uma criança passando mal aqui. Depressa. Pega o carro". Olho pra ponta do meu pastel e ele me parece menos quente. Arrisco e dou a primeira mordida. Começo a mastigar. Só pego massa. No pastel abre um buraco. Parece um pastel de vento. Olho pra tia da lanchonete, pensando em dizer que o meu lanche chegou vazio, mas ela tá feito uma pata-doida atrás do balcão, procurando a chave do tal carro que o salva-vidas pediu pra pegar.

O salva-vidas é o cara mais chato do clube todo. Ele não deixa ninguém pular na piscina e fica apitando se alguém faz algo errado. É o barulho mais irritante que eu já ouvi. Primeiro vem o apito e depois o pito: não corre em volta da piscina, não empurra o colega, lava os pés antes de entrar, pode ir saindo da piscina, não pode comer, não pode pular, não pode jogar bola, não pode essa boia, para de atirar água no colega, pra fora, já!

A tia da lanchonete passa correndo por mim. Dou a segunda mordida e sinto um gosto diferente. É o queijo. Lá em casa nunca sai pastel de queijo, meu pai não gosta. Sempre que tem queijo em alguma coisa ele reclama como se tivesse, sei lá, terra. E minha mãe nem se arrisca a fazer pastel de queijo, então sempre sai só pastel de carne. O bom é que, aí sim, minha mãe não poupa e na primeira mordida já dá pra pegar um monte de carne. Os pastéis da minha mãe, eu só consigo comer dois e já tô de barriga cheia. Meu pai come um monte, ele adora. Minha mãe, nem sei, acho que nem gosta tanto assim. Pastel de queijo é bom, eu poderia comer uns cinco ou seis.

O pessoal não para de correr até a beira da piscina. Quem tá passando mal? Será que é o Bruno com aqueles problemas lá do pulmão e precisa usar a bombinha? As profes estão em volta, a turma da excursão toda foi ver. Caminho pra fora do quiosque da lanchonete e em direção à piscina onde todos estão, mas não posso chegar perto. Se o salva-vidas me vê com comida na beira da piscina, vai me deixar de castigo por meia hora, ele fez isso com a Ana Lúcia, que inventou de levar bolo e coxinha pra perto da água. Fico mais longe, só olhando. O pastel vai esfriando.

Escuto a buzina do carro, é uma buzinada que nada me lembra o apito do salva-vidas. O pessoal vai se afastando, as profes saem correndo na frente e logo depois o salva-vidas corre com a própria Ana Lúcia nos braços. Até onde eu sei, não pode correr ali, na beirada da piscina. Se tivesse aquele apito, eu já ia chamar a atenção. O pessoal corre atrás

do salva-vidas, que vai em direção ao carro. Todo mundo correndo, meia hora sem piscina pra todos. Isso sim seria o certo.

Agora o pastel tá bem frio e consigo comer rápido.

Depois desse pastel de queijo, vou dizer pra minha mãe começar a fazer em casa, mesmo que o meu pai não goste. Minha mãe sempre dá um jeito se eu peço.

Sei que é a Ana Lúcia sendo carregada pelo salva-vidas. Ela é a única do colégio com cabelo laranja. É daí que vem o apelido "enferrujada" que ela tem. Cabelo laranja molhado fica ainda mais laranja. Consigo ver ela toda molenga, os braços e as pernas balançando feito maria-mole. Eu nunca gostei de maria-mole, mas o pastel de queijo eu amo. Passei a amar a partir de hoje. E é só meu pai experimentar que ele também vai amar e minha mãe vai fazer sempre.

Duas profes entram no carro e se sentam no banco detrás. Uma delas é a profe Clarice. O salva-vidas coloca a Ana Lúcia no colo delas. E se vão. Quem vai dirigindo é a tia da lanchonete. Será que ela volta a tempo de fazer mais um pastel pra mim? Comeria outro agora mesmo.

Limpo a boca com o guardanapo, mas não adianta muito. O papel já tá mole.

O carro sai numa velocidade alta do clube e o pessoal assiste lá de perto, até que o salva-vidas apita e a turma se espalha. Seria bom poder levar um pastel de queijo pra casa, só pro meu pai experimentar e saber como é bom.

Quem sabe, assim, ele se anima e pede pra minha mãe começar a fazer pastel de carne e de queijo também.

Escuto o barulho de água. Alguns colegas voltaram pra piscina. O Bruno tá bem, não tá usando a bombinha pro pulmão, vejo ele correndo pro chuveiro onde precisamos lavar os pés antes de entrar na piscina. A fila do chuveiro começa a se formar e se eu quiser mergulhar preciso ir logo, antes que fique muito grande. O salva-vidas, numa rapidez, ocupa o seu lugar na cadeira alta, onde consegue ver tudo e usar aquele apito desgraçado pra meter vergonha em quem faz alguma coisa proibida. E não deu outra. Assim que chego na fila do chuveiro, ele apita e aponta pra mim.

Depois do barulho, o salva-vidas cospe o apito, que não cai no piso, ele tá preso por um cordão preto, pendurado no pescoço. O apito fica ali, balançando, até parece que tá rindo de mim. O salva-vidas diz que me viu comer um pastel e por isso eu não posso entrar na piscina. Duas horas, ele disse. Proibida de entrar na água por duas horas.

É injusto. Ana Lúcia comeu o bolo e as coxinhas e não esperou duas horas pra entrar na piscina e o salva-vidas nem viu ela e, se viu, nem disse nada. Saio caminhando pra longe da piscina com raiva. Não acredito que vou ficar duas horas fora da água. É a única vez no ano que eu tomo banho em piscina grande e, agora, preciso esperar um baita tempo pra voltar. Que ódio daquela enferrujada da Ana Lúcia, ninguém mandou ela ficar ruim e fazer cena. A culpa é toda dela. Dela e também da porcaria do pastel de queijo.

MINHA QUERIDA

Um dia depois do funeral do irmão mais novo, Alícia foi chamada à direção. Quando se levantou da cadeira, ocorreu-lhe que a professora aproveitaria a sua ausência para conversar com a turma, dizendo aos colegas para terem, com Alícia, paciência, carinho e todas aquelas outras coisas ditas pelo padre enquanto o caixão descia.

A caminhada da classe até a porta durou quatorze segundos, mas os segundos andaram nas pontas dos pés só para parecerem maiores. Ficou fácil perceber que os colegas estavam de olho em Alícia e não no cartão em homenagem ao Dia das Mães.

Já fora da sala, o vento empurrava o frio e trazia o cheiro do arroz de carreteiro de linguiça do refeitório. Alícia se afastou da porta, mas, antes, teve a impressão de já ter ouvido o seu nome entre as poucas conversas na sala de aula. Enquanto caminhava para a diretoria, pensou se tratar de um plano da professora e da diretora para mantê-la ausente enquanto coisas sobre o seu irmão morto seriam ditas.

O que Alícia não queria, não gostava, era ter todos olhando para ela com cara de choro e de pena, tal qual a

professora durante o velório. E, dentro da sala de aula, ela continuou olhando para a aluna do mesmo jeito, como se lágrimas pudessem escorrer a qualquer momento. Entre as duas professoras, a de Alícia e a do seu irmão mais novo, a professora de Alícia era a mais devastada, demonstrando que o choro vale mais para a aluna viva.

Alícia bateu na porta da direção sem muita força e esperou. Dali, o cheiro de arroz de carreteiro de linguiça estava mais forte. A diretora também estava no funeral. Muitas pessoas da escola se fizeram presentes, mas só quem ficou até o fim foi a professora de Alícia.

Enquanto esperava, Alícia olhou para os lados. A última coisa que queria era ser vista por alguém. Pensou em bater outra vez, mas a diretora abriu a porta e disse: "Oh, minha querida Alícia. Entre, entre. Podia ter batido e entrado. Deixo a porta fechada por causa do frio".

Alícia esteve na sala da diretora apenas três vezes: na primeira, antes de entrar para a escola e isso já tem quatro anos; na segunda, quando, na primeira série, a diretora estava de aniversário e a turma fez uma surpresa, entregando cartões, desenhos e flores; e na terceira, quando, no começo do ano passado, o irmão mais novo teve febre e precisaram telefonar para a mãe.

Era um lugar grande, mas não servia para sala de aula. Na parede detrás estavam as fotos de outras diretoras, todas mulheres. Alícia olhou aqueles rostos sem demora e voltou a confirmar para si mesma que a diretora atual, entre

as outras, era a mais bonita. Mesmo ela não apresentando nenhuma beleza.

Alícia observou as três cadeiras encostadas na parede, depois as outras duas em frente à mesa e escolheu se sentar o mais próximo da porta possível, o que fez a diretora se aproximar e ficar ao seu lado.

A diretora não falava tão penosa quanto a professora. Ela perguntou como estavam as coisas em casa. Alícia disse "bem". E a diretora ficou em silêncio por um tempo, depois confessou estar triste pelo acontecido. Mais um silêncio até perguntar se poderia ajudar de alguma forma. Alícia disse "não". Foi quando a diretora pegou nas mãos da menina, que ainda estavam quentes por conta do cartão de Dia das Mães. Alícia desenhara um coração que preencheu toda a folha e começava a pintá-lo, esfregando o lápis de cor vermelho no papel com rapidez, quando foi interrompida pela professora. Já as mãos da diretora estavam geladas. Fazia bem ela manter a porta fechada. Eram mãos tão geladas quanto aquelas de ontem, quando Alícia tocou pela última vez no irmão.

A diretora repetiu a pergunta, pedindo que Alícia olhasse para ela. Ela olhou e disse um "não" igual ao primeiro. A diretora sorriu curto e deu dois tapinhas leves nas mãos de Alícia. "Quando quiser conversar ou quando precisar de algo, você pode vir até a minha sala pedir. Combinado assim, minha querida?" Alícia respondeu "sim".

"Muito bem. Sei que são dias difíceis para uma menininha. Ontem, conversei com o seu pai. Ele concordou que deixar você em casa não mudaria nada. Aqui você tem seus amiguinhos e ocupa a cabeça." A diretora se levantou, foi até a mesa, abriu a gaveta. "Mas eu chamei você aqui por um motivo. Ué. Onde eu coloquei?" Fechou a primeira gaveta e abriu a segunda. Mesmo sem ver as gavetas, Alícia acompanhava o movimento da diretora. Fechou a segunda e abriu a terceira. "Mas onde é que eu coloquei?" Fechou a terceira gaveta e olhou para Alícia.

O rosto da diretora se iluminou e um "Ah! Mas é claro" saiu da sua boca. Ela deu a volta na mesa enquanto dizia ter esquecido o que não podia ter esquecido na sala dos professores. "Já volto, minha querida, vou lá buscar." Ela abriu a porta, o vento frio da rua e o cheiro do arroz de carreteiro de linguiça entraram. Ela fechou a porta, o vento da rua e o cheiro do carreteiro de linguiça desentraram.

Alícia, sozinha na sala da direção, poderia abrir as gavetas, mexer nos armários para tentar descobrir as notas de todos os alunos ou encontrar aquele caderno vermelho em que se assina o nome quando alguém faz algo errado. Nunca precisou colocar seu nome nele, mas já ouviu muita gente falar do tal caderno. O próprio Jorge contou que assinou por ter chutado o Régis na aula de Educação Física. E o Régis, como sempre, foi logo reclamar com a professora que disse: "Vocês vão resolver isso lá na direção, agora mesmo".

Ocorreu a Alícia que a diretora tinha ido buscar o caderno vermelho. Ela deveria assinar o seu nome porque estava com o irmão mais novo no momento em que a moto o atropelou. Assinaria, pela primeira vez, o caderno vermelho porque, em vez de ajudar o irmão atirado na rua, ela só soube chorar.

Alícia olhou de novo para as outras cadeiras ao seu lado. Em uma delas poderia se sentar o motorista da moto e na outra a própria moto. Poderiam se sentar a mãe e o pai, errados por deixarem os filhos brincarem na rua. Ou a culpa era de Alícia, sentada sozinha, esperando o caderno vermelho? Ela, que viu o irmão crescer desde bebê, também estava ao seu lado no último momento da sua vida e no primeiro momento da sua morte. Três cadeiras para os culpados quando uma só bastava e ela já estava ocupada. O único que não sentaria ali era o irmão. Ele, para sempre deitado, nunca mais vai se sentar em lugar algum.

Alícia queria sair da sala da diretora para não precisar assinar nada, se esconder no banheiro ou até mesmo correr para fora da escola, na esperança de que alguma moto passasse bem rápido por cima dela também.

A porta se abriu e se fechou. A diretora estava de volta mais rápido do que Alícia poderia imaginar. Ela carregava em suas mãos um grande envelope amarelo. Não era o caderno vermelho. A diretora se sentou no mesmo lugar. Disse que se tratava dos trabalhos feitos pelo irmão. Em um dos lados do envelope estava escrito, à mão, com caneta

azul "Tobias H. Moraes"; e, logo abaixo, com a mesma letra, "Segunda série - M". Dois anos antes, quando o irmão ainda não tinha idade para ir à escola, era Alícia quem estudava na "Segunda série - M".

"Você pode guardar de recordação, mostrar para sua mãe, para o seu pai." A diretora entregou o pacote. Alícia segurou com as duas mãos. Era pesado, recheado de folhas. Ela não disse nada enquanto a diretora falava. "Acho que seus pais vão ficar felizes em ver os trabalhinhos do seu irmão. Você não acha?" Alícia concordou com a cabeça em vez de dizer "sim", mas, na verdade, sabia que os trabalhos de escola do irmão não deixariam os pais felizes. As notas avaliativas, tanto faz se eram zero ou dez, não valiam de nada. O irmão mais novo, que no final do ano passaria para a terceira série, foi além da escola e da vida.

Antes de se levantar, a diretora chamou Alícia de querida por mais quatro vezes enquanto falava sobre como as pessoas viram estrelinhas depois de morrer. A vontade de se esconder no banheiro aumentou e, por um instante, ela jurou ter ouvido o barulho de uma moto passar rápido lá na rua.

A diretora pediu um abraço. Nesse abraço o envelope ficou entre as duas. Só depois disso Alícia pôde sair. Esperou a porta da direção fechar e mudou o rumo. Caminhando apressada para o banheiro, ela se imaginou entrando na sala de aula com o envelope nas mãos. Os colegas doidos de curiosidade para saber o que era. Se fosse dizer a verda-

de, todos iriam querer ver os trabalhos do irmão mais novo. As folhas nas mãos dos colegas, as folhas nas mãos da professora. Fariam cara de choro e, quem sabe, a chamariam de querida por mais vinte vezes.

Alícia chegou ao banheiro. Desabitado assim que uma única menina da sétima ou da oitava série saiu. Enquanto fazia xixi, Alícia encarou o envelope com o nome do irmão mais novo. O mesmo nome que estava, desde ontem, escrito em uma lápide provisória no cemitério. Quando terminou, Alícia baixou a tampa do vaso e se sentou ali. Sozinha, sem ninguém para lhe olhar com tristeza, ela abriu o envelope. Tirou a primeira folha. Era um cartão, já finalizado, de Dia das Mães. O irmão, mesmo nascido dois anos depois, desfrutava de mais elaborados talentos artísticos do que ela. O cartão estava mais bonito do que aquele seu. Era muito mais colorido, carinhoso e com vários corações muito bem pintados a lápis vermelho. Corações gorduchos, como se estivessem recheados de algodão ou, ainda melhor, de marshmallow que dá para morder e encher a boca. Já o único e grande coração no cartão de Alícia era pontudo e poderia espetar, caso fosse recortado. A mensagem, no cartão do irmão, era mais bonita também. Dizia "Mamãe eu te amo muito", enquanto no cartão de Alícia, ela escreveu "Feliz Dia das Mães". Ter um feliz Dia das Mães seria impossível.

Alícia, então, tirou as outras folhas do envelope. Muitos desenhos: Dia do Índio, Páscoa, Dia do Trabalho. Na segunda série mais se desenha do que se escreve e a turma continuaria com seus trabalhos até o Natal, menos o irmão

de Alícia, que parou de se mexer. Ele perdeu a força e mais nenhum lápis de cor, canetinha ou giz de cera conseguirá ficar firme entre os seus dedos.

Depois de dar a descarga, Alícia saiu do reservado, segurando os papéis e o envelope. O banheiro continuava vazio. Os colegas iriam querer ver todos os desenhos do irmão e, com uma voz mansa, elogiariam cada trabalho. Até a professora olharia um por um, e talvez ela, só de ver, começasse a chorar na frente da turma.

Se fosse mostrar os trabalhos do irmão em casa, os pais chorariam, provando que sempre há mais lágrimas dentro de um pai e de uma mãe que perde um filho.

Próximo ao papel-toalha, do lado das pias do banheiro, estava o lixo grande. Alícia pisou no pedal e a tampa da lixeira se levantou. Ela jogou todas as folhas lá, até mesmo o cartão de Dia das Mães. Os papéis caíram juntos, feito pedra. Amassou o envelope amarelo e o jogou no lixo também. Depois, olhou para dentro da lixeira da mesma forma que encarou o buraco onde enterraram o irmão.

Alícia lavou as mãos, sem tirar o pé da lixeira. Na hora de secá-las, usou trinta e quatro folhas de papel, até o rolo acabar. Foi jogando uma a uma no lixo até que nenhum dos trabalhos pudesse mais ser visto. Com as mãos secas, muito secas, e vazias, sabendo que no recreio os colegas fariam perguntas sobre ela ter sido chamada na sala da diretora, Alícia tirou o pé da lixeira. A tampa se fechou.

UM DE NÓS

Próximo das orelhas, Eduardo ouvia o chiado da grande tesoura ao redor. Ele sabia que tudo bem mexer qualquer parte do corpo, menos a cabeça. A cabeça precisava ficar parada. Mesmo assim, Eduardo enrijeceu por inteiro, ficou quieto, uma estátua sentada na cadeira que a avó tirou do conjunto da cozinha e colocou na maior sombra do quintal. Paulo, já de cabelos curtos, sentado no chão, dentro da mesma sombra da árvore, batia os joelhos como se fosse um relógio marcando os segundos; aguardava o irmão mais velho no seu corte de cabelo. A avó, sem parar a tesoura nos cabelos de Eduardo, olhou de canto o neto mais novo e resmungou: "Ó! Te aquieta aí, rapaz. Tu não pode ir sozinho chamar o vô. Se o Dudu te esperou, tu também vai esperar ele".

A cada tesourada, os cabelos caíam na terra seca e o vento norte empurrava eles para longe. Era difícil saber se os tufos, que ora rastejavam, ora voavam, um dia pertenceram a Eduardo ou a Paulo. A cor dos fios dos irmãos era a mesma, assim como o castanho dos olhos e o formato batatinha do nariz. Dentre a mistura de pai e mãe, os meninos ainda guardavam alguns traços do avô, que trabalhava

na lavoura adiante; e também um pouco da avó, que constatou o comprimento exagerado dos cabelos das crianças e tomou a iniciativa de cortá-los.

Enquanto passavam alguns dias das férias de verão no interior, Eduardo e Paulo podiam brincar em volta da casa ou no galpão onde ficavam os animais, mas sem se perder da vista da avó, que, perto das onze da manhã, gritava da varanda. Era o sinal que anunciava a única brecha para ir além. Chegava o momento de correr até a roça e chamar o avô para o almoço. A chance de fugir dos olhos vigilantes e se demorar sem levar um puxão de orelha. Uma oportunidade para poder molhar os pés no açude e voltar com eles secos, para catar torrões de terra e atirar as bolinhas um no outro, travando a guerra menos mortal de todos os tempos.

Juntou-se ao corte de cabelo calmo e demorado o som do pequeno avião. O monomotor se fazia mais presente à medida que se aproximava das plantações à beira da casa. Os irmãos passaram a odiar esse relincho mecânico desde o dia em que, ao irem chamar o avô, aproveitaram para correr atrás do avião até ele pousar no campo.

Catu, o piloto, deixou os meninos se sentarem no banco. Ele viu, enquanto voava baixo, a alegria dos irmãos com o avião. "Querem dar uma volta?", a resposta foi sim, de ambos, como se seus pais estivessem ali a perguntar se gostariam de adotar um filhote de cachorro. Havia apenas um assento, no entanto, e os dois teriam de embarcar individualmente no colo do piloto. O que, mesmo assim, não fez

a ideia de voar perder a graça. Catu deixou os meninos decidirem. Paulo iria depois, porque era o mais novo. Restou a Eduardo se sentar no colo do homem.

Quando o motor do avião foi ligado, tudo tremeu. Eduardo começou a rir, achou engraçado aquele chacoalhar tão diferente dos sacolejos que conhecia dos carros, dos caminhões e dos ônibus. Do lado de fora, Paulo pulava de alegria como se o chão fosse elástico e, por conta disso, capaz de gerar grandes saltos. Gritava algumas coisas impossíveis de se ouvir. A máquina voadora cantava com uma voz de parafusos e lata; ela andou reta pelo campo, cada vez mais rápida, e subiu.

Eduardo ficou preenchido de medo, mas era um medo bom, bonito, inédito. Esqueceu-se de seu coração batendo acelerado assim que começou a ver tudo como nunca antes. Pilotando o avião, Catu explicou que precisava voar baixo para pulverizar as plantas, senão nem adiantava. Eduardo achava tudo diferente: a casa dos avós, as roupas no varal, as vacas pastando logo ali, o açude e toda a plantação e até mesmo a estrada de terra em frente à porteira, a rua seguindo a curva bem longe; até se imaginou pilotando um avião nas plantações do avô, mas se desconcentrou ao sentir o lugar em que estava sentado endurecer. "A gente já pode voltar?", ele perguntou. As suas mãos, que antes apenas seguravam o painel de poucos botões do avião, agora pareciam querer desmontá-lo, de tanto que apertava os dedos ali. "Mas logo agora que a coisa tá ficando boa", Catu respondeu.

Eduardo disse, então, que estava passando mal. E, de fato, estava. Era enjoo, mas não no estômago por se reconhecer longe do chão firme, também não era tontura na cabeça pelos movimentos inconstantes do avião. Sentia outra coisa. Estava sentado em cima de um homem. Ele não era o seu pai, nem o seu avô, que conhecia desde sempre. Eduardo perguntou sobre a aterrissagem. Outra vez, repetiu que estava se sentindo mal e inventou ser por conta dos sacolejos do avião. Catu pareceu não dar muita importância, dizendo ser normal no primeiro passeio: "Na segunda viagem, tu não vai sentir mais nada e vai gostar ainda mais".

Eduardo olhou para todos os lados. Olhou para o avião como se estivesse fora dele, à procura de uma portinha para pular dali. Nunca mais queria sair da terra, lá dava para fugir, correr e se esconder. A terra é mais segura do que o céu. E, ao som de "fica tranquilo, bonitinho, o tio tá aqui", teve lábios e barba roçando no seu pescoço.

A coragem de Eduardo começou a sair de si pelos olhos, escorrendo pelas bochechas. Antes que ela se fosse por completo, ele usou o restante da sua audácia para colocar as duas mãos no volante. O avião balançou mais forte, mas o piloto logo tomou o controle e depois se descontrolou: "Tu tá louco, ô idiota? O que tu tem na cabeça? Podia ter me matado".

Eu podia ter te matado.

Essa frase acompanhou Eduardo daquele momento em diante. A dureza colocada entre suas pernas sumiu e o piloto deu a volta, esbravejando contra o menino, que se sentiu aliviado ao conseguir ver do alto o irmão mais novo, Paulo, bem pequenininho, pulando de alegria na beira do campo. Ele seria o próximo a voar, como o combinado. A calma tomou conta de Eduardo assim que sentiu o nível disforme do chão. O som das pedrinhas batendo no avião, o verde ao redor na altura dos olhos e tudo voltou a ser visto da forma que sempre viu. Ao experimentar o céu, encontrou um novo significado à terra, onde podia correr rumo à segurança dos pais, dos avós e, até mesmo, do irmão mais novo. Assim que a porta do avião se abriu, Eduardo pulou para fora. "É tua vez agora, Paulo", disse Catu, ao ver o mais novo à espera. "Mas tu tem que te comportar melhor do que o teu irmão."

Já sabendo que custaria ao irmão lhe perdoar, Eduardo pegou Paulo pelo braço e disse: "Ele não vai". Teve certeza de que estava fazendo a coisa certa assim que ouviu o choro do irmão, esperneando de raiva, tentando se soltar. Era um choro muito diferente daquele que Eduardo chorou dentro do avião. Mesmo Paulo esperneando contra o irmão e dizendo as palavras mais injustas, não doía em Eduardo tanto quanto implorar para descer, sentado no colo de Catu, sem ter como fugir.

Desde então, Paulo ficou sem falar com o irmão e passava suas manhãs e tardes perto da casa. Eduardo, isolado

no galpão, nem tentava se reaproximar do menor, permanecia tramando entre porcos, ovos, pólvoras, espigas colhidas, pasto verde, vacas, gasolinas, alçapões, fósforos, cordas, fertilizantes, arames farpados, garrafas de vidro vazias e martelos. Amarrando umas coisas nas outras com força, espetando isso naquilo com rancor e firmando com raiva as peças; escondendo o seu passatempo quando alguém aparecia por lá, fingindo estar brincando com os animais, para continuar a conspirar assim que voltava a ficar sozinho.

Foi o corte de cabelo que, por insistência da avó, os fez sentarem-se juntos outra vez. Faltava pouco para terminar, quando, lá na lavoura, o barulho habitual de motor forte a voar se transformou em explosão, aterrissando o avião como nunca antes.

Eduardo tentou se lembrar da fala de Catu no avião, naquele dia, mas só se lembrava do seu próprio pensamento.

Eu podia ter te matado.

A avó começou a gritar em pânico. Ao perceber o grande fogo e a fumaça preta vinda do meio da plantação, correu para lá. Eduardo permaneceu sentado na cadeira de cortar cabelo. Paulo, no chão, parou de bater seus joelhos, olhou para o irmão e voltou a falar com ele depois de dias.

"Por isso que tu não me deixou voar no avião?"

"Sim, foi por isso."

A HISTÓRIA DE CISSINHA QUE TAMBÉM É A MINHA

Acordou ao ouvir o próprio nome. A voz do lado de fora da casa vinha de uma boca encostada na janela fechada do quarto. Um chamado angelical que poderia ser de qualquer um dos sete anjos que se divertiam na ausência do sol, quando as chances de serem apanhados são muito pequenas. Despreocupados, os querubins sobem nas árvores, correm nos gramados e dão meias cambalhotas, porque é impossível virar por completo quando se tem asas armadas que vão além da cabeça. Quem dera fosse um ou até mesmo meio anjo sussurrando na janela: "Cissinha, Cissinha, acorda menina".
Cissinha desgarrou de Mariluci. A boneca de pano era um segundo travesseiro. Poderia ser o primeiro, desde que o travesseiro, feito para ser travesseiro, não se importasse em ser o segundo. Cissinha deixou Mariluci sobre a cama, sabia que a boneca não se interessaria por uma chamada noturna, nem mesmo se fosse o apelo de um anjo.

Para abrir a janela, Cissinha precisou de uma cadeira. Sempre se encontrava pelo menos duas cadeiras em seu pequeno quarto: em uma se sentava Cissinha e na outra Mariluci. Sentavam-se as duas, frente a frente, como fazem as adultas. Cissinha já tivera tempo para reparar que

a mãe e a vizinha nunca conversavam sobre seus próprios quereres, o assunto era a fulana e a sicrana. Isso quando não era sobre o tal das quantas fugido ou o dito-cujo das bebedeiras. E quando foi o próprio pai de Cissinha que morreu, virando o assunto entre todos, ninguém falou dele naquela casa. Pelo menos, não na presença da órfã e da viúva.

Nos chás imaginários das tardes, bebendo nada em pequenas xícaras esmaltadas, Cissinha costumava conversar com a boneca sobre o pai, que se afogou no rio na sua última pescaria. Se o assunto fosse a mãe, falava mais baixo, porque a mãe estava viva. Quem escuta está vivo. Cissinha tinha o cuidado de dizer para Mariluci que a mãe também havia se afogado, mas não no rio, e sim dentro de casa.

Lá fora, o seu nome continuava sendo sussurrado. Cissinha pegou uma das cadeiras e a levou para junto da janela. Subiu, alcançou a tramela e destravou. Um estalo, e o vento empurrou a veneziana com vontade, liberando a passagem do ar noturno para dentro da casa. O quarto e a rua já não estavam mais divididos. Logo ali, parado no gramado que de dia é verde e de noite é de outra cor, ela viu o anjo segurando uma vela em cima de um pratinho branco. O anjo não era bem anjo, mas era como se fosse. Era Jordael, seu padrinho.

Sem nenhum desconforto pelo sono interrompido, Cissinha disse: "Que que é, dindo?". E Jordael respondeu: "Sonera braba pra alguém tão miúda. Oras, já tô piando há mais tempo que os grilos, Fadinha".

Não bastasse Cissinha ser chamada de Cissinha, Jordael lhe colocou este apelido: Fadinha. Fadinha se deu por um acontecimento quando Cissa, Cissinha, era uma bebê. Jordael fazia questão de relembrar o caso de tempos em tempos. Na primeira vez que ele pegou Cissinha no colo, a criança escorregou. A mãe de Cissinha se pelou de medo, ela viu a filha rachar no chão feito melão de açúcar maduro. Mas, da mesma forma que Jordael quase matou a afilhada nos seus primeiros dias de vida, também a salvou. Segurou a bebezinha a tempo, antes do cocuruto despedaçar no chão. Passado o susto, quando Cissinha já dormia salva no berço, Jordael disse para a mãe dela que a criança queria voar, que a criança era uma "fadinha". Depois do acontecido, Jordael perdeu as contas de quantas e quantas vezes já pegou Cissinha no colo. O apelido ficou e, com ele, Jordael fortaleceu o tino de proteção com a afilhada, evitando que coisas ruins pudessem acontecer a ela.

Descansada na janela, em cima da cadeira, Cissa, Cissinha, olhou para o padrinho e perguntou o que ele queria. "Achei que tu tivesse na pescaria hoje à noite, não foi isso que tu foi fazê?" Jordael respondeu que estava na pescaria e apareceu só para buscar Cissinha. "Buscá pra que se eu não gosto nem de peixe nem de minhoca?" O padrinho deixou a vela sobre o pires no gramado e estendeu os braços para alcançar Cissinha. "Vem cá. Vem junto. Faço questão de te mostrá uma coisa que vi lá no rio e não é peixe e não é minhoca." Jordael disse, sabendo que Cissinha iria em qualquer lugar onde não tivesse peixe nem minhoca.

Dito e feito. Cissinha desceu da cadeira na escuridão do quarto, calçou a primeira coisa que encontrou no guarda-roupa e, quando viu, estava pisando na grama com o seu sapatinho branco de ir à missa e um pijama que ela achava parecido com os vestidos de Mariluci: três buracos em que se metem os braços e a cabeça. Jordael, no entanto, estava vestido como se ainda estivesse sol: calça, camiseta e chinelos.

A noite não cheira igual ao dia. A noite tem cheiro novo, de roupas lavadas com sabão de coco, de panela de ferro vazia em cima da chapa quente do fogão a lenha. Cissinha pegou o pratinho com a vela grudada enquanto o padrinho fechava a janela do quarto.

Foi com um "vâmo", dito por Jordael, pegando a vela das mãos de Cissinha e a apontando na direção do vilarejo, que os dois apressaram o passo. A diferença de idade entre eles era a mesma diferença do comprimento das suas pernas, por isso Jordael, para se igualar ao ritmo de Cissinha, diminuiu suas pisadas em dezenove anos.

Jordael nunca foi de segredos, tampouco de mistérios. O chamado noturno mal combinava com ele. Não houve muita conversa na caminhada, o padrinho disse para Cissinha ficar em silêncio, assim ninguém os ouviria passar: "Cê sabe que a orelha do povo é grande e é grande até mesmo quando dorme." Andavam com o rumo certo, feito ovelhas bíblicas. Os dois iam deixando o picadeiro do vilarejo, passando pela praça. A igreja parecia menor, ela também usava

a noite para se encolher e dormir. Como tudo era muito perto, não demorou para ficarem de frente para o mato. Não houve parada, nem respiração profunda para tomar coragem. Jordael entrou na trilha, Cissinha se aproximou dele e seguiu ao seu lado.

A passagem que ligava a vila até o rio, feita por moradores ao longo dos anos, era a mesma de sempre. Usada tanto quanto se usava a estrada que leva até o armazém. Pode ser dia ou noite, o caminho não troca. As trilhas continuam serpenteando iguais por entre os brejos. Cissinha e Jordael conheciam o caminho. Afinal, o que tem para se fazer em tardes quentes e tediosas a não ser tomar um banho nos lugares mais rasos do rio Nevoeiro? Trilhas eram o que não faltavam por ali, pelas lavouras e pelos matos.

Enquanto caminhava ao lado de Jordael, Cissinha olhou para a luz da vela. Desde o primeiro momento que a viu em contraste com a noite, a cera não tinha derretido sequer um milímetro. Era a única e a mesma o tempo todo, branca e brilhante igual aos seus sapatos de ir à missa. Fogo de vela até é corajoso, mas sempre vai ser pequeno e tímido na escuridão. Todas as velas derretem, mudam de forma no instante em que são acesas e o calor começa a comê-las, mas aquela, na mão do padrinho, estava intacta, feito uma vela nova. A ponta do pavio sempre a mesma, bem como a gota de cera parada na lateral do bastão. Uma vela acesa que não derrete é igual a um sino que badala sem som, uma corda que não dá nó e uma água que não molha. Se a vela

estava fora do eixo, os dois longe de suas camas, caminhando no mato, também estavam.

Cissinha queria questionar o padrinho sobre este fogo interminável, mas faria qual pergunta? Não conseguiu pensar em nada e nem teve tempo para isso. Deixando os capins para trás, os dois chegaram à beira do rio Nevoeiro. Estavam envolvidos pelo aroma, uma mistura de mato, terra e água. Jordael apontou para a pequena barca na margem. Era a barca de madeira do pai de Cissa, a mesma que na pescaria virou e desgraçou a sua família. Jordael pediu a barca alguns dias depois do acontecido, a mãe de Cissinha mandou que sumisse com ela.

"Eu não vô entrá nesse caíco, dindo", Cissinha disse. Jordael pulou para dentro da barca, que nada teve a ver com alguma morte, mas que também não foi capaz de salvar alguém. Ele colocou o pires com a vela no banco do meio, pegou, jogados no interior da barca, os dois pedaços de pau que um dia foram remos saudáveis e mergulhou as pontas largas na água. "Vâmo s'embora, Fadinha. Quem te segurô, tão rápido, quando tu tava pra caí do meu colo?" Desde o quase tombo, Jordael passou a proteger Cissa de tudo o que podia e nenhum galho fino rasgou a pele da afilhada, nenhuma queda quebrou os seus ossos, nenhuma casca de amendoim a engasgou. Confiava no padrinho, mas não confiava na barca.

Cissinha se aproximou muito devagar. Na margem do rio, cuidou onde pisava com seus sapatinhos brancos até

colocar, um a um, os pés dentro da barca. Se sua mãe a visse agora, teria um ataque do coração, da cabeça, das tripas e das pernas. A mulher sempre odiou as águas grandes, mesmo antes de ter o marido engolido pelo rio. Foi só Cissinha se sentar em uma das pontas da barca para se lembrar daqueles dias em que a água arrastou a família para as margens da tristeza.

Na barca, Cissinha pensava na mãe. Será que ela acordou e estaria à sua procura, correndo para todos os lados, ou ela, diante do desaparecimento da filha, ali ficou, imóvel, impotente, esperando as coisas se resolverem sozinhas? Será que continuou na cama, sem poder fazer nada ou sem querer fazer nada, aguardando assombrosas batidas na porta a avisar que também a sua menina havia se afogado no rio Nevoeiro? Vendo Jordael remar, Cissinha sabia que, se ela morresse no rio igual ao pai, a mãe passaria a ser conhecida como uma mulher infeliz, com a história mais desgraçada da vila.

O único som era do suave movimento dos remos no rio. Cissinha se agarrou na borda da barca. Ao centro, a vela iluminando com sua luzinha. Jordael, na outra ponta, remava sem esforço. Nem sequer uma vez passou pela cabeça de Cissinha perguntar o que precisava ser visto com tanta pressa.

Os dois se afastaram da margem. Enquanto via o padrinho guardar os remos dentro da barca, Cissinha gostaria de encontrar o meio do rio. Onde está esse lugar entre o

começo e o fim? Onde está? O padrinho saberia responder? Em qual lugar mora o meio da água, essa que dá para pegar em concha com as mãos? O meio da queda de uma cachoeira? O meio da poça formada pela chuva? O meio da própria chuva e da pequena gota? E o seu próprio meio? E o meio do padrinho? Se estava um lá e outro cá, cada qual em uma ponta da barca, alguém seria o começo e o outro o fim, e, então, entre os dois, estaria o meio. O meio era a vela. Vela que Jordael pegou com cuidado. Colocou as duas mãos no pratinho e o levou até a água. Abandonou o pires no rio. Agora, havia duas barcas navegando lado a lado no Nevoeiro.

"Foi assim que encontremo o teu pai", Jordael disse. O pratinho com a vela flutuou como se não tivesse medo de ser pequeno diante da água imensa. Foi boiando, boiando. Um ponto luminoso na calmaria de um rio adormecido. Cissinha se inclinou no barco para acompanhar a vela, um vaga-lume solitário que aprendeu a nadar. "É uma estrela caída na água, mas não é uma estrela", ela disse se rindo por dentro e por fora.

O pratinho parou. Cissinha estranhou aquilo. O pires começou a girar no seu próprio eixo, a vela deu voltas completas. Era suave feito aquele carrossel que ela andou só uma vez na vida, quando foi com a família para a cidade na festa do arroz. Poderia ser mágica, mas ela sabia que Jordael não acreditava nas coisas encantadas. O padrinho teria uma explicação para as velas que deixam de navegar e estacionam em um ponto específico da água de um rio.

Cissinha, vendo a vela em cima do pires girar sem parecer desorientada, ficou feliz por estar com seus melhores sapatos de ir à missa, triste por estar vestindo um pijama qualquer, feliz por estar na companhia de seu padrinho, triste por estar na barca que era de seu pai morto nesse mesmo rio, feliz por estar navegando em silêncio no meio da noite, triste por ninguém mais estar vendo a pequena luz da vela iluminando a água.

"Achemo!", disse Jordael.

Cissinha quis saber o quê, mas não recebeu resposta. E nem se importou. Ficou pasma ao ver um tecido surgir na água, como se fosse içado pela própria vela, puxado do fundo do rio. E depois apareceram costas, cabelos e um pouco das duas mãos de uma pessoa.

Era o seu pai? Era o irmão de Jordael? Cissinha não conseguiu ver bem. O corpo estava de bruços e de braços abertos, dando a impressão de estar olhando para dentro da água.

Não foi preciso nada. Mesmo imóvel, o corpo foi se aproximando da barca. O pratinho com a vela o trouxe para perto. Cissinha usou seus braços de criança para alcançar o pai. Suas mãos de criança para agarrar a gola da camisa. Sua força de criança para puxar e tentar trazer o corpo encharcado para dentro da barca.

Cissinha estava no enterro e Jordael também. Ela viu o pai ser engolido pela terra depois de ser engolido pela água. O rio Nevoeiro, porém, nunca foi claro, dele os pes-

cadores sempre tinham uma história extraordinária e sem grandes explicações para contar. O pai de Cissinha não foi o primeiro a ser seduzido pelas águas do rio. Entrava ano e saía ano, um e mais um e mais um se afogavam nas águas do Nevoeiro. E nem precisava ser pescador para isso, tem histórias de gente que nunca chegou perto da margem do rio, mas, quando chegou, foi para morrer ou para ver troços estranhos. Quem sabe a água do Nevoeiro faz esse tipo de coisa: esconde as pessoas e as mostra com uma simples vela.

Jordael ajudou Cissinha com o trabalho de puxar o corpo para cima e, com todo aquele peso encharcado salvo dentro da barca, ele voltou a se sentar na outra ponta.

Cissinha, triste e feliz, virou-se em direção ao corpo do pai. Queria ver se, depois de um ano, ele continuava o mesmo. Afastou os cabelos que, como uma manta preta, escondiam boa parte do rosto. Não era. Não era o seu pai, mas reconheceu aquela pessoa.

Cissa, olhou para a outra ponta da barca e não viu o padrinho. Jordael já não estava mais perto dos remos carcomidos, ele estava jogado e molhado ali no meio. Cissinha não sabia onde era o meio, mas tinha certeza de que ela própria era o começo e Jordael era o fim.

EM MEIO A ESSA PLANTAÇÃO

Pássaros são crianças desde o nascimento até a morte. Galinhas, vacas, cachorros e gatos também. Por nunca ter visto de perto outros animais, Liana não saberia dizer se todos os bichos eram assim. No céu do quase meio-dia, graúnas voaram, dando gaitadas, pelas plantações roxas de crelvo, que estavam prestes a sumir com o início da colheita. Seriam esses passarinhos futuros alvos, abatidos pelo irmão mais velho de Liana? Gioca mira, atira, acerta e mata com mais facilidade enquanto os pássaros estão no ar. Voar é perigoso demais para os pássaros, mas é voando que eles vivem.

Diferente de todos os galhos que só ganham sentido se tiverem pássaros empoleirados ou folhas e frutos pendurados, Liana, com seus quase sete anos, não gostava de ter nenhum penduricalho no cabelo. Nada de fitas, nada de diademas, nada de prendedores; mas ela carregava umas bolotas de chiclete grudadas nos seus fios marrons.

O cheiro de hortelã e de tutti-frutti já foi alegria em outros raros momentos, quando o pai de Liana trazia balas e chicletes do armazém, mas esses sabores se tornaram uma infeliz parte da arapuca montada no final da aula. Chicle-

tes comprados, desembalados, mascados, cuspidos e polvilhados na terra por um grupinho de quatro alunos mais velhos da escola. Esses chicletes sujos e melequentos foram parar em uma cabeça indefesa — igual são as cabeças dos passarinhos, que nunca revidaram as caçadas de Gioca — e, ao agarrarem os cabelos de Liana, as gomas de hortelã e de tutti-frutti azedaram. Azedaram como já aconteceu com o leite branquinho e doce, que leva a entender que a vaca está alegre e, de uma hora para outra, sem explicação, ele amarga; o leite vira vinagre, como se a vaca estivesse se vingando por terem tirado o suco maternal para outras finalidades que não amamentar seu bezerro.

Na semana anterior, a emboscada aconteceu com o colega Astóri. Ele chorou ao ver as pontas dos seus dedos serem coladas umas nas outras. E esse choro fez o grupinho de alunos mais velhos da escola achar ainda mais graça da brincadeira. Foi um choro bem fininho, piando, lembrou um canto de pássaro. Vai ver o canto dos pássaros nunca é canto, é sempre choro.

Liana não se desesperou com o ataque. Não chorou, mas, assim como Astóri, também não teve nenhuma coragem. Aceitou a emboscada. Ficou parada, uma árvore que aceita a motosserra, e só correu para longe da gritaria da escola quando percebeu que a brincadeira terminou e os chicletes já estavam todos no seu cabelo. A palhaçada durou pouco tempo, os ataques aconteciam de surpresa para nenhuma professora ter a chance de ver. Mal dava para

decidir se ficava ou se ia embora. Liana correu rápido. Mais rápido do que aquela vez, quando achou estar sendo perseguida por abelhas.

Na corrida o cabelo balança mais. Cada pernada que distanciava Liana da escola fazia chacoalhar o peso embrenhado nos seus fios. É mesmo na cabeça que a humilhação sempre gruda. Os chicletes agarrados em Liana faziam de seu cabelo uma rede de pescar em que gorduchos filhotes de lambaris se emboscaram.

Ao virar na estrada de chão, ela se sentiu segura para parar de correr. Ninguém a seguia, estava sozinha. Sozinha não: na companhia dos chicletes. Liana segurou as alças da mochila e respirou fundo. O cheiro de madeira seca, do crelvo maduro, era melhor que o tutti-frutti e a hortelã do cabelo.

A fuga medrosa fez tremer o peito, aquecer o rosto e apertar a bexiga. Liana pulou a pequena vala que separa a estrada das lavouras e se meteu no meio da plantação. Andou por entre os altos pés de crelvo, foi se embrenhando até não enxergar mais a rua e parou. Ouviu o som das folhas ressecadas rasparem umas nas outras conforme o vento mandava. Um chiado que lembrava chuva morna. Liana baixou a calça e a calcinha, deixou que tocassem suas sandálias. Acocou para encontrar o alívio. Molhando a terra, o medo tomava distância. Seu coração foi acalmando.

Liana lembrou dos dedos colados de Astóri. Eles estavam normais no dia seguinte ao ataque. Astóri conseguiu

até mesmo desenhar no caderno a árvore que a professora pediu. Enquanto formava o seu próprio desenho, Liana olhou para o lado e viu o trabalho do colega. Ele tinha feito uma árvore grande e gorducha, uma nuvem espetada em um graveto de duas pontas. Vai ver, depois de ter os dedos colados, Astóri começou a se importar mais com as coisas que as mãos podem fazer.

Ao terminar de fazer xixi, Liana se pôs de pé. Puxou suas roupas para elas ficarem como foram criadas para ficar. Ajeitou o elástico da calça na cintura e deu uma olhada na poça que logo ficou para trás.

Já que estava dentro da lavoura, Liana decidiu encurtar o caminho e seguir por ali. Foi caminhando entre a plantação e se lembrou que, naquele outro dia, queria desenhar um pé de crelvo no caderno e não uma árvore, mas a professora não deixou. Precisava ser uma árvore. Liana perguntou à professora se crelvo não era árvore. Era cereal e cereal não era árvore, era outra coisa que a professora nem quis explicar.

Liana gostava das árvores, como não? Mas o crelvo era mais importante. Seu pai vivia dizendo que, se não fosse a plantação, não teria comida, roupa, lápis, borracha, tesoura e cola. Se não fosse o crelvo, não teria nada, nem mesmo aquela bacia velha, azul, em que o Lico come. Nem teria o próprio Lico latindo quando algum estranho chamasse na porteira. Porteira também não, ela só estava lá, abrindo e fechando para quem entra e sai do rancho, por causa do

crelvo. A professora, no entanto, queria uma árvore grande e ponto final.

Diferente das árvores, o crelvo era plantado lado a lado e havia pouco espaço entre uma planta e outra. Liana era magricela e pequena, desviava dos pés plantados e, mesmo com as duas mãos na cabeça, vasculhando o cabelo, ela não quebrava nenhuma planta. No meio da plantação, tentou se livrar das bolotas de chicletes, assim a sua mãe não se sentiria obrigada a falar com a professora ou com a diretora.

Falar com a professora ou com a diretora só faria a história seguir por uma trilha sem rumo, não levaria ninguém a uma cachoeira escondida no mato, onde se pode jogar os problemas água abaixo. Falar com a professora ou com a diretora resultaria em mais duas pessoas sabendo que o grupinho de alunos mais velhos da escola grudou chicletes com terra nos cabelos de Liana. Quanto menos gente soubesse, menos importante se tornava o grupinho e as armadilhas criadas por eles. Menos importante o cabelo e a própria Liana.

Os chicletes estavam agarrados igual se agarram os carrapatos, que para viver só têm a opção de se manterem firmes nos pelos dos animais. Enquanto caminhava no meio da plantação, Liana conseguiu arrancar três bolotas da cabeça. Caçando uma a uma, tentou contar quantas ainda lhe acompanhavam rumo a casa, mas não tinha bem a certeza se depois do dez viria o número onze ou o número doze.

Porém, havia chicletes suficientes para a mãe ir até a escola reclamar.

Liana parou e olhou para um pé de crelvo. Lembrou-se da professora pedindo para fazer sete laranjas bem redondas e grandes dentro daquela árvore desenhada no papel. "Viu por que não te deixei desenhar um pé de crelvo, Liana? É muito pequeno." Mas a professora disse sim quando a Taila perguntou se poderia desenhar maçãs porque não gostava de laranjas.

Cada laranja recebeu um nome. A professora escreveu no quadro e Liana copiou, letra por letra. Por último, puderam pintar as árvores e a professora disse os nomes de cada laranja ou maçã: segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Era a árvore dos dias da semana.

Liana voltou a caminhar. Um dos chicletes estava pendurado perto da orelha esquerda e balançava a cada passo, batendo na sua bochecha. Com o cuidado que não tiveram para grudar a nojeira em seu cabelo, Liana deslizou o nó devagar. Alguns fios não aguentaram, causando a mesma dor de picadinhas de formiga, mas o importante era que o chiclete, enfim, tinha se soltado da cabeça. Com a bolota verde amarronzada do tamanho de uma uva na mão, Liana tentou contar os fios perdidos para recuperá-los depois. Mais uma vez se perdeu nos números. Os fios do seu próprio cabelo não estavam lado a lado, feito os palitinhos que a professora desenhava com giz no quadro negro para a turma toda contar junto em voz alta.

Com os fios de cabelo grudados, Liana jogou a bolota para longe e ouviu quando ela caiu no meio da plantação. Mesmo querendo, seria difícil encontrá-la outra vez.

Assim que saiu da lavoura, Liana viu a porteira da sua casa. Ela nem chamava de casa, chamava de rancho. Tinha a casa, o galpão onde ficavam os animais que ela amava e a plantação de crelvo a perder de vista mais ao fundo. Casa mesmo, só casa, sem bicho e sem colheita, é onde a tia de Liana morava lá na cidade.

Uma hora ou outra teria que chegar ao rancho, abrir a porteira e entrar. Foi quando Liana se lembrou da tesoura. A tesoura de cabo preto, guardada na mochila azul dos Ursinhos Carinhosos. Era só tirar a mochila das costas, pegar a tesoura e se livrar das bolotas. Cortaria todos os sinais de que foi alvo de uma emboscada com chicletes mascados e sujos de terra. Chegaria em casa livre, porém, com o cabelo esburacado, o que fez Liana andar o restante do caminho na corda bamba entre pegar ou não a tesoura na mochila.

Prestes a abrir a porteira, tantas vezes pintada e mesmo assim sempre descascada — deixando à mostra o azul-celeste e o vermelho tijolo de outras épocas —, ainda não era tarde para Liana cortar fora os chicletes e chegar no rancho com a cabeça livre. No entanto, ela decidiu aparecer.

Quando a chamaram de piolhenta, mesmo sem ter um piolho na cabeça, Liana escondeu a vergonha dos seus pais. Quando roubaram e comeram na sua frente o pão de milho com margarina e açúcar feito pela mãe, não disse nada

para ninguém. Quando riram das suas roupas, dizendo que eram roupas de menino, pisaram na sua borracha, puxaram sua mochila, riscaram uma folha do seu caderno e roubaram o lápis de cor amarelo — fazendo Liana ter que pedir emprestado a alguém toda vez que precisasse pintar o sol —, ela também não apareceu nem para os pais e nem para a professora. Também não aparecia quando via o irmão matar os passarinhos sem ter motivo. Nunca apareceu para ninguém. Tinha coisas que só Serena e Morena sabiam. E Liana só contava para elas porque eram duas vacas que viviam no pasto e no galpão do rancho.

Pegar a tesoura, usada naquela mesma manhã para recortar a árvore dos dias da semana, e se livrar dos chicletes seria se esconder outra vez. Seria mentir para a mãe, dizer ter cortado o cabelo por vontade própria, porque não gostava dos fios roçando nos ombros cada vez que mexia a cabeça. Liana usava o mesmo corte de cabelo da mãe, era uma vertente da mãe. Destruir essa semelhança seria motivo suficiente para mágoa e castigo. Não saberia bem ao certo qual mágoa, mas, considerando os castigos que Gioca já levou, seria algo como não visitar os amigos — Liana nem tinha amigos — ou não andar de bicicleta — também não tinha, o pai a considerava muito nova para ter uma. O castigo, então, seria não poder brincar com as vacas e as galinhas no galpão? Porque essa seria a pior coisa que poderia acontecer para Liana.

PERDEDOR

A rua de chão batido depois do asfalto, o túnel verde de árvores graúdas e as plantações das famílias formavam o interior de uma cidade que estrangeiro algum saberia o nome. E então a ponte se projetando um pouco acima das lavouras. Ponte-jazigo, erguida até certa pilastra e nunca finalizada. A construção apodrecendo na ausência do destino. Sem valor histórico. Sem valor artístico. Sem uma estrada que subisse ao seu nível e ligasse as pontas a algum lugar. Restava ali o fracasso de um sonho a ser construído. A ponte serviria de abrigo para dois pares de carros, mas nem sequer um único passava próximo — e nem mesmo sanga de água parada, córrego raso, pequeno arroio, lago fundo ou grande rio se aproximavam. Túnel seco, abandonado pela água. Um projeto de desenvolvimento ambicioso demais para uma cidadezinha incapaz de gerar mais que um balaio e meio de frutos por dia.

Em cima da ponte estavam Nicolas e Danilo. Os dois pedalaram até a meia-construção e escalaram o bloco inacabado de cimento com as suas habilidades de meninos de doze anos. Sentaram-se na beira do concreto maltratado

pelo tempo e, ali em cima, cada um fumava o primeiro cigarro das suas vidas.

— Tu tá mais tossindo do que fumando — disse Nicolas ao amigo, antes de levantar o rosto para o céu cinza e soltar a fumaça, que logo foi levada pelo vento. — Viu como é? Tem que ter calma. Ninguém vai ver a gente aqui.

Danilo tentou fazer o mesmo, mas se engasgou e tossiu. Nicolas riu e, só para zombar, disse que já sentia um barato. Danilo não parava de tossir. Irritado, Nicolas prendeu o seu fumo firme nos lábios, virou para o lado e tomou o cigarro da mão do amigo.

— Pera aí. Eu seguro e tu tenta, vai. — Nicolas posicionou o cigarro na boca de Danilo, segurando-o com dois dedos. — Agora esvazia os pulmão e deixa a garganta meio mole, sabe? Calma, faz assim: puxa a fumaça, segura ela no peito e solta pela boca. Devagar. Como se fosse respirar fundo. Tu entendeu? É de-va-gar.

Danilo seguiu as instruções. Tossiu mais algumas vezes, mas sempre voltou a colocar a boca no cigarro que Nicolas segurava.

— Vê só. Olha aí. Tá aprendendo. Tava na hora. — Nicolas devolveu o cigarro para o amigo e voltou a fumar o seu. — Agora faz sozinho. Com calma. Daqui a pouco tu vai tá fumando sem pensar.

Quando Danilo percebeu seu sucesso, a fumaça saiu no meio de um sorriso.

Acima dos dois, da ponte e da plantação, um trovão despencou.

Não se ouviu mais a tosse de Danilo. Ele fumava devagar e levantava a cabeça da mesma forma que Nicolas fazia. Os dois mal sentiam o cheiro do tabaco queimado e o vento já se encarregava de sumir com ele.

— Olha aí, ó. Tá conseguindo. Só tenta não engolir tanta fumaça. Vê só. — Nicolas esperou ter a atenção do amigo, tragou fundo, estufou o peito para mostrar que a fumaça estava presa ali e esbaforiu devagar. O corpo murchando e a fumaça se indo.

Danilo queria saber como Nicolas aprendera tão rápido, parecia fumar fazia tempo. O amigo lembrou que o cigarro roubado pertencia ao tio e que sempre viu ele fumar.

Entre os dois estava o maço vermelho e branco do Hollywood que o vento não arrastava. Assim que chegaram e que cada um pegou o seu cigarro, Nicolas colocou uma lasca de concreto do tamanho de um chinelo bem na ponta da carteira que tinha, ao seu lado, a companhia de uma caixinha de fósforos; os nove palitos usados para acender os dois cigarros rolavam no cimento, como se procurassem um abrigo da chuva que estava por vir.

— Eu sei por que o Lígio não veio — Nicolas disse, depois de um longo silêncio em que os dois ficaram fumando os seus cigarros em cima da quase-ponte. — Quando pas-

sei lá mais cedo, a mãe dele atendeu à porta. Ela nem disse pra entrá. Sua mãe não é assim, ela sempre me convida.

— Tá. E o que isso tem a vê? — Danilo deu uma nova tragada.

— É que ela me chamou de pretinho. Disse bem assim ó: "Lígio, seu amigo pretinho tá aqui querendo falar contigo".

Danilo deu uma risada e se engasgou outra vez. Tirou o cigarro da boca para tossir. Quando se acalmou, com os olhos úmidos, disse ao amigo que ele era, afinal, um pretinho.

Nicolas olhou a plantação adiante, estava seca, louca por uma chuva, e perguntou se Danilo se lembrava do dia em que roubaram limões do quintal do velho Ceno para fazer suco.

— É que, quando ela falou pretinho pra mim, ela fez a mesma careta que a gente fez quando a gente tomou aquele suco azedo, azedo. — Nicolas voltou para o seu cigarro e tragou o resto, soltando a fumaça pela boca. Com o vento mais forte, a fumaça sumiu ainda mais rápido.

Um bando de pássaros de penas pretas passou, gritando por cima das cabeças dos dois. Ou estavam com medo do temporal ou o anunciavam.

— Termina logo isso aí, Danilo. Agora você já pegou o jeito, pode fumar mais rápido.

Nicolas fumou o resto do seu cigarro, jogou a bituca ponte abaixo com um peteleco e viu o toco branco ser levado pelo vento.

— E esse outro cigarro aí, heim? Vai fazê o que com ele? — Danilo apressou suas tragadas, fazendo as bochechas incharem. Outro rugido de trovão, dessa vez bem mais alto, se espalhou por cima deles e fez tremelicar a estrutura da ponte.

No maço, um terceiro cigarro permanecia intacto. Estava reservado ao Lígio, proibido pela mãe de sair com os meninos.

Nicolas disse que não voltaria para casa com aquele cigarro, poderia ser descoberto, e deu a ideia de apostarem uma corrida. O vencedor fumaria pela segunda vez.

Depois de uma longa tragada e de soltar a fumaça, fazendo o cigarro terminar de uma vez por todas, Danilo aceitou a aposta. Amassou a bituca no concreto, como já viu adultos fazerem com os cigarros.

— Vamos duma vez antes que a chuva chega. — Nicolas se levantou e pulou da ponte para o chão seco. — Vê só. O céu tá bem pretinho. Pretinho que nem eu.

Danilo pegou a caixa de fósforos, o maço de cigarro e pulou atrás do amigo.

Montaram cada um em suas bicicletas e pedalaram até a bifurcação próxima. Entre as trovoadas, Nicolas estabeleceu as regras da competição para formalizar a aposta,

apontou reto para a estrada de chão e explicou que, entre os dois caminhos, Danilo ficaria com o mais curto para compensar a desvantagem da sua bicicleta.

— Aí, seu burro. — Danilo fingiu que entendeu, mas Nicolas viu que não e resumiu. — Eu vou pela trilha que é mais esburacada, por ali, tá? E tu pela estrada, por aqui, por onde a gente chegô.

— Sim. Isso eu entendi, tá? Mas nas corridas da TV é o mesmo caminho pra todo mundo. Por que se separá? — Danilo perguntou.

— É só porque a tua bicicleta é pior. Só isso. Se eu e tu ir pela estrada eu ganho, certo. Nem vai tê graça. Deu pra entendê, agora?

Um cigarro, dois caminhos, dois competidores. Passariam pelos matos e pelas plantações, pedalando nas terras, nas pedras e pelos buracos da estrada. Se tivessem azar, algum deles poderia topar com um cachorro bravo que corre atrás de bicicleta, tentando morder o pneu, ou com um boi perdido que escapou por entre uma cerca derrubada. Um boi branco, daqueles com corcunda nas costas e chifres grandes, que não pode ver gente e já quer atacar.

Para evitar qualquer trapaça, combinaram: Nicolas ficaria com o maço de um cigarro e Danilo com a caixinha de fósforos.

Nicolas logo foi guardando o maço de cigarro no bolso lateral da bermuda.

— Então é isso. O perdedor só olha e espera o outro fumá o prêmio — Danilo disse enquanto imitava o amigo e também guardou, no bolso da bermuda, a caixinha de fósforos.

— Presta atenção! — Nicolas se preparou na sua bicicleta, mirou o guidão para a trilha. — É três, é dois, é um. Valendo. Vai! Vai! Vai!

Em um rompante risonho, cada um tomou seu caminho. Nicolas pedalou com todas as forças já na entrada da trilha volteada pelo milharal. O único cuidado era com os olhos, para que nenhuma folha os acertasse. A vantagem de ter uma bicicleta um tanto mais nova, com freios melhores e marchas funcionando, se perdia diante do percurso estreito e esburacado. Era uma típica trilha para carroças com rodas de ferro, puxadas por vacas e bois que, de tanto levarem chicotadas nos lombos, ficaram mansos. Se chovesse, a terra seca amoleceria em instantes, se abrindo toda para a água, e aumentaria a dificuldade do caminho; atolaria as rodas e o barro respingaria no rosto. Nicolas aproveitou para pedalar com força máxima enquanto o chão ainda estava poeirento.

Quando se anda em meio aos buracos, a tática é não sentar no banco da bicicleta. Nicolas se levantou e no mesmo instante viu o maço com o único cigarro cair, escapado do bolso da bermuda. O branco e o vermelho vivo da embalagem em meio ao marrom seco. Nicolas freou. Colocou os pés no chão e deu ré sem sair da bicicleta. Segurando

com uma mão no guidão, esticou o outro braço. Não alcançou. Pulou fora da bicicleta feito calopsita saindo da gaiola. A derrota seria maior com o prêmio perdido. Catou o maço do chão e, para garantir que ele não o atrasasse outra vez, prendeu-o no elástico da cueca e da bermuda: firme.

Nicolas ergueu a bicicleta, subiu nela e pedalou como se atrás de si uma grande parede de tempestade se aproximasse. O mundo acabando nas suas costas. Toda a força das pernas se concentrava em sobreviver ao fim de tudo. Chuva ácida, chuva de raios, chuva de sangue, de fogo, de gafanhotos ou de canivetes. Quando as primeiras gotas tocassem suas costas, perderia a vida.

A tempestade, no entanto, se tornou pequena diante da lembrança da mãe de Lígio: "seu amigo pretinho tá aqui". Nicolas pedalou, então, na cara feia da mulher; pouco importava se ela era ou não a mãe do seu amigo. Ele meteu forças no corpo para passar por cima daquela voz azeda. A trilha nunca experimentou tamanha velocidade. Carroças carregadas de pasto são lentas. Carros não passavam no caminho estreito e os motoqueiros que um dia se arriscaram iam devagar por ali.

A bicicleta de Nicolas estava disparada e desimpedida. O vento fresco secava o suor da testa. Quando ouviu um carro adiante, animou-se ainda mais.

— Tô chegando já! — Eram grandes as chances do cigarro ser seu. Mais do que isso, venceria a corrida, sobreviveria ao fim do mundo e derrotaria a mãe de Lígio.

Nicolas deixou a bicicleta correr por vontade própria até sair da trilha e ver o asfalto a poucos metros. Outro carro passou. Desta vez, o som do motor do fusca ficou nítido — tão poderoso quanto os trovões que, ainda, seguravam a chuva. Nada de Danilo por perto. Nicolas relaxou no banco da bicicleta, os buracos ficaram para trás com todo o resto. Pedalou mais tranquilo rumo à vitória. Só esperar os fósforos para fumar o prêmio na frente do perdedor.

Ele estacionou e desmontou da bicicleta. Sentou-se no restinho de grama da beirada da rua, na ligação entre o asfalto e a estrada de chão. Queria se atirar ali por um bom tempo, até a respiração voltar ao normal, mas ficou de guarda, de olho no caminho por onde viria o amigo a qualquer instante. Não perderia a cara de derrotado de Danilo. Se estivesse com mais fôlego, Nicolas até levantaria a bicicleta, imitando os pilotos de fórmula um com seus grandes troféus.

Depois da chegada de Danilo e que ele assumisse ser o perdedor, Nicolas mentiria ao amigo, dizendo estar ali há mais de dez minutos, vencendo com folga mesmo tendo percorrido o pior caminho. Enquanto acenderia o cigarro, ouviria reclamações do amigo sobre sua bicicleta. Danilo tinha uma bicicleta bem ruim, vivia escapando a correia, quase sem freios e com pneus carecas.

Nicolas puxou fundo o ar pré-tempestade e isso fez seu peito tremer debaixo da camiseta, depois soltou tudo. Respirar assim era melhor que fumar. No asfalto, mais nenhum carro. Danilo demorava a ponto dos batimentos de Nicolas

já estarem se acalmando e a respiração também. Sentado na grama, esperando, ele ouviu um barulho muito pequeno atrás de si, virou rápido. Danilo! Mas não, era só um pingo de chuva. E outra gota acertou sua cabeça.

A corrida já tinha acabado e nenhum sinal de Danilo. Nicolas montou na bicicleta e pedalou em direção à estrada de chão.

Com pingos grossos, gelados e esparsos, Nicolas entrou pelo túnel verde de árvores imaginando que Danilo poderia ter perdido a caixa de fósforo e tido que voltar para procurá-la. Ou era isso ou a bicicleta do amigo tinha se partido de tão velha que estava. Não aguentou a força das pedaladas de Danilo e se quebrou em duas, ou até em três.

Nicolas continuou pedalando rumo à ponte. Saiu do túnel verde, viu as primeiras plantas na lavoura e encontrou os fósforos no lugar onde os dois se separaram. Parou. Desceu da bicicleta e pegou a caixinha. Danilo perdeu os fósforos, não viu a tempo e voltou para procurar. Nicolas prendeu a caixinha junto ao maço de cigarros nos elásticos da calça e da cueca. Montou na bicicleta e seguiu.

A chuva despencou feito uma bomba defeituosa que explode antes do tempo. Depois de tanto anunciar com seus trovões, chegou. Nicolas pedalou rápido em meio ao aguaceiro na direção contrária ao asfalto. Riu ao sentir a água gelada penetrando na roupa. Com a visão esbranquiçada de tanta chuva, avistou a ponte e foi, na companhia dos relâmpagos, direto para lá.

Chegou ensopado no abrigo de concreto. Balançou a cabeça — feito cachorro molhado — e escorou a bicicleta em uma das pilastras. Tirou a camiseta, fez dela uma bolota de tecido e a torceu com força. Logo depois, desamassou o tecido e estendeu a camiseta úmida e amarrotada no quadro da bicicleta, como sua mãe faz com as roupas para secar no varal. Da cintura, arrancou a caixinha de fósforos molhada e o maço de um cigarro mole. Inútil e esfarelado; atirou tudo para longe.

Não tinha mais prêmio, nem vencedor. O vencedor só ganha quando existe o perdedor. Sem o perdedor, o vencedor perde.

Nicolas se afastou da bicicleta até chegar na outra pilastra da ponte. Viu os nomes "Nicolas", "Danilo" e "Lígio", um abaixo do outro, e se lembrou de quando rasparam o cimento com pedras pontudas, deixando seus nomes gravados ali. Era a primeira vez que Nicolas estava sozinho naquele lugar. A ponte não era a mesma, estava sombria, ainda mais abandonada. Perdida. As goteiras nas rachaduras eram feridas abertas e os ferros da estrutura eram ossos à mostra.

Nicolas se aproximou da beirada da ponte, onde a água caía feito cachoeira, colocou as duas mãos ao redor da boca e gritou com força o nome do amigo. Esperou um tempo, puxou o ar e gritou outra vez. Um grito tão alto quanto os próprios trovões. Mesmo assim, Danilo não apareceu.

BARBA-DE-PAU

Depois do pai adoecer e se juntar por completo à cama, a paternidade, e toda a sua última palavra, se repartiu, sem escolha alguma, em quatro lascas de diferentes tamanhos. Pedaços distribuídos entre a família. A mãe ficou com o maior: a autoridade. A mesma com a qual proibiu Tomás, o filho mais velho, de cortar a árvore de Natal. E assim, pela primeira vez na vida, a mãe empunhou o machado para derrubar um dos pequenos pinheiros do campo. "Eu já falei, meu filho, isso não é coisa pra um rapaz de nove anos fazer. Quem sabe ano que vem, com dez", ela repete, depois da poda feita e de erguer a árvore de Natal no canto da sala.

As gêmeas estão ao redor, tiram das caixas bolinhas, sininhos, estrelinhas, pombinhas e coraçõezinhos feitos de uma fina casca de vidro. Penduricos que ficam guardados o ano todo, esperando o Natal chegar, longe do alcance das três crianças.

Enquanto as gêmeas lustram um a um os enfeites, tirando a camada de pó, Tomás cruza os braços no outro canto da sala. Ele faz questão de estar distante da alegria das irmãs e do pinheirinho, que a mãe termina de fixar

dentro de um grande balde de metal recheado de areia e pedras.

Limpando as mãos na própria camiseta, a mãe percebe o afastamento do filho, que sempre ajudou a enfeitar a árvore de Natal. Ela o chama, mas Tomás não se anima e continua emburrado no seu canto.

A mãe sabe o motivo do filho estar afastado, tem a ver com a proibição da colheita do pinheiro. Entre os enfeites espalhados pelo chão da sala, ela vê, fechada e imaculada, a caixa verde de sapatos. É a única que as crianças não podem abrir. A mãe pega a caixa e a entrega para Tomás. "Pronto, meu filho. Este ano é tu que busca barba-de-pau e monta o presépio". Tomás segura a caixa e logo se anima. Ele sabe, como todos da casa, o que há ali dentro. Montar o presépio, assim como escolher o pinheiro, cortá-lo e trazê-lo para dentro de casa, sempre foram tarefas do pai.

O presépio coloca Tomás acima das gêmeas. Acima das bolinhas, dos sininhos, das estrelinhas, das pombinhas e dos coraçõezinhos. Ele abre a caixa verde e vê aquelas pessoas em miniatura. O bebê deitado de barriga para cima. Os pastores, o anjo, os reis. O pai e a mãe. As vacas e as ovelhas.

Por ordem dele mesmo, o pai de Tomás e das gêmeas era o único a tocar naquilo tudo. Mas, agora, Tomás também poderia. Ele deixa a caixa verde em segurança no sofá e, com a autorização da mãe, sai de casa.

Depois de passar pela porteira, Tomás corre em direção ao matagal com a lembrança mais viva que tem dos Natais: o pai dizendo que o presépio é a parte mais importante de todo o Natal e vale muito mais que os presentes e o Papai Noel.

Sentindo-se superior ao que o próprio pai um dia foi, Tomás desvia do caminho e entra na floresta menos pisada para colher barba-de-pau. Quer ir além. Desconfia que, se seguir os mesmos passos do pai, também terminará como ele, grudado à cama antes do tempo.

À medida que entra pelo caminho onde os pais não deixariam ele seguir sozinho, o mato se torna mais alto, as folhas são menos macias ao redor e o ar cada vez mais gelado. Mas Tomás sabe, o próprio pai já lhe explicou, que ar gelado é sinal de pureza e a barba-de-pau se forma em árvores onde o ar é puro. Outro sinal de pureza que Tomás logo percebe são as borboletas. Elas começam a aparecer lá e cá.

A certeza de que está no caminho certo vem das cascatas de barba-de-pau penduradas nos galhos altos das árvores maiores. Apresentam-se como vestidos de noivas que se recusaram a usar o mais branco dos brancos. Barba-de-pau é como cabelo de mulher velha que já não aceita cortar mais nada do corpo.

Tomás continua caminhando pelo mato. De olho nas árvores, abre caminho em busca de galhos mais próximos ao chão. Vê mais borboletas em torno. O ar está ainda mais

gelado, mais puro. Assim como nunca andou por essa parte da floresta, também nunca viu borboletas como as que voam ao seu redor. São borboletas em azuis-vivos, com salpicos de laranjas-mais-vivos-ainda. Borboletas resplandecentes que nem ao menos têm qualquer tipo de brilho próprio, apenas refletem a claridade quando a luz do sol ilumina suas asas. Tomás sabe: as borboletas são donas de muitas cores. Mesmo tão inédita, ele aceita essa combinação que desponta dos verdes da floresta.

Quando vê um galho baixo, carregado de barba-de-pau, Tomás se aproxima. Começa a subir na árvore, colocando pés e mãos nela. Escalando, ele se lembra da mãe dizendo que não estava em clima de festa e que se não fosse pelas gêmeas não teria pinheirinho este ano. As irmãs esquecem do pai moribundo e se animam com o Natal. Elas colocam as bonecas e as pelúcias próximas ao presépio, espalham brinquedos pela sala, inventam histórias de Papai Noel e cantam as músicas de salvação e de paz que tocam no rádio todas as noites nessa época.

No grosso galho da árvore, Tomás se senta com uma perna de cada lado. A três metros de distância do chão, começa a colher a barba-de-pau. O pinheirinho não era para as gêmeas, ele pensa. Elas só se interessam pela árvore porque podem brincar em volta. A mãe fez questão de cortar o pinheiro e trazê-lo para dentro de casa para o pai. Para o pai que sempre montou a árvore na véspera do Natal e a desmontou no Dia de Reis, do jeito que lhe ensinaram. O pinheirinho fica dentro de casa por quatorze dias. Ne-

nhum a mais, nenhum a menos. A árvore enfeitada na sala é, e sempre será, por causa do pai, até mesmo quando ele não estiver mais. Tomás sente que é o último presépio e o último Natal do pai. E é por ser o último vinte e quatro e vinte e cinco de dezembro que ele quer barba-de-pau em abundância e, assim, encher os olhos do pai.

As borboletas em volta se aproximam aos poucos. Elas também são gêmeas: azul e laranja; tão iguais umas às outras. Impossível saber quem é pai, mãe, filho e filha nessa família.

Tomás sente uma picada no pescoço. Com a mão livre da barba-de-pau, dá-lhe um tapa para matar o mosquito. Bicho de mato, pensa. Ele traz de volta a mão. Vê. Não é um mosquito. É uma das borboletas. Com o tapa, ela está morta. Tomás aproveita para olhar as cores de perto e os detalhes vitrais das asas. Finas peças se encaixando com perfeição, formando um mosaico difícil de se copiar em uma pintura. A borboleta traz sangue junto ao pequeno e frágil corpo espatifado. Tomás sente outra picada. Chacoalha a perna e a borboleta não sai. A segunda picada dói mais. Ele se livra da borboleta que tem na mão e acerta o inseto na perna. A borboleta cai no chão, morta, feito folha seca.

Outras mais estão voando em volta agora, pousam nos galhos e nos cachos de barba-de-pau. Tomás avalia a sua colheita. Não é o bastante, mas é o suficiente. Põe toda a barba-de-pau no ombro com um único movimento, os

fios são longos e escorrem por suas costas e peito. As borboletas estão por todos os lados, são tantas que dá para ouvir o bater coletivo de asas tênues. Elas voam mansas e se aproximam.

Tomás começa a descer da árvore. Enquanto para subir se exige força e equilíbrio, para descer é preciso atenção e calma. Sente novas picadas, agulhas finíssimas e profundas entrando. As borboletas são tão leves que o cérebro não capta o pouso, só as picadas — e elas seguem uma atrás da outra em várias partes do corpo. Falta pouco para pôr os pés na terra. Tomás não aguenta a infestação, solta a árvore e cai. Sem tempo para assimilar o baque, ele cobre o corpo com a barba-de-pau na tentativa de se esconder das borboletas aos montes, voando ao seu redor.

Encolhido no chão da floresta, envolto pela barba-de-pau, Tomás sente, de súbito, a terra ondular. A coceira toma conta de tudo. Ele esfrega as mãos nos olhos, sobe os dedos violentos ao cabelo, volta para o pescoço, desce para o peito, arranha debaixo dos braços, cavuca na altura das costelas, quer abrir a barriga para coçar dentro. Geme e se contorce. Até a língua coça. Se sente embolotado. A roupa incomoda. A gola aperta no pescoço, o elástico da bermuda queima na cintura e a cueca é uma lâmina afiada na virilha. Com medo dos tecidos sufocarem a pele, Tomás tira tudo. Rápido, abandona as roupas. E o contato com a terra é outro, como nunca antes. É leve e muito macio. Uma camurça nova, pele de pêssego maduro, sobrancelhas de bebê. Essas carícias do chão amenizam a ânsia.

O cheiro da floresta não é mais o mesmo, deixa de ser puro. O frescor é sufocado por uma pulsação quente. A barba-de-pau, as árvores e as borboletas também ondulam, seguem o mesmo ritmo da respiração da terra. Tomás rola e desenrola de um lado para o outro. Ondas verdes e borboletas com suas cores vibrantes voam em círculos por cima dele. A luz do sol entre as árvores muda de cor. A claridade é colorida igual as bolinhas, os sininhos, as estrelinhas, as pombinhas e os coraçõezinhos da árvore de Natal. Não há sopros de vento, mas as folhas estão agitadas, dançam rápidas e batem palmas; elas passam de um galho para o outro, trocando de árvore, como fazem os pássaros.

No meio do redemoinho que o cerca, Tomás enrijece. Seu corpo é acolhido pela terra. Cabelos grandes e macios que só as mulheres conseguem ter recebem Tomás em um abraço quente e apertado. Excitado, ele entra sem medo. Coloca o nariz no chão, que respira fundo ao recebê-lo. Enfia e esfrega o rosto. Seu corpo-raiz abre espaço, come a terra. A certeza de mãos e de pernas recebendo-o. Mãos e pernas que não são as suas, mas também as de ninguém. Olhos fechados, boca aberta, língua para fora. A ligação é firme. É úmida, dedicada e forte. O solo cavado é hospitaleiro. Não há folga, sobra, espaço e nem desaperto. Nenhum sinal negativo. Não há meninices e nem brincadeiras. Sem qualquer amostra de ódio mesmo com os movimentos robustos e o vaivém pregado.

O gozo é terrestre. E, por ser terrestre, ele tem fim. Depois da sua erupção, a primeira de todas, Tomás é devolvido com gentileza.

Cedido, deitado no chão. Um menino-terreno terminado e homem-torrão começado, Tomás ainda se vê envolvido pela barba-de-pau arrancada da árvore. As borboletas voam para longe tranquilas e, aos poucos, vão sumindo do mesmo jeito que surgiram. As ondulações e as cores perdem força, descansam. Resta Tomás e sua respiração sozinha na floresta, que nem ao menos pia, está muda como quem é fiel a um segredo.

Tomás abre e fecha os olhos enquanto as imagens pousam dentro da sua cabeça. A visão se comporta. A boca está limpa e calma. A pele lisa, nem sequer vermelha. Cheirando a dois suores, ele se senta. Olha para os lados e pega, uma a uma, suas roupas espalhadas pelo chão. Devagar, veste a cueca, a bermuda, a camiseta e, por fim, os chinelos. Na mesma falta de velocidade, junta a barba-de-pau com as mãos. Levanta-se lento, não tem pressa nem explicação. A floresta está imóvel como se ainda não tivesse sido liberada aos animais. Tomás dá os primeiros passos, mal reconhece as próprias pernas. Mal percebe o sumiço de todas as picadas.

Pegando o mesmo rumo, refaz o caminho com lerdeza. Pensa nas borboletas, tem certeza de nunca ter ouvido sobre suas picadas. Demora para se lembrar que o Natal ainda existe. Já não se importa se a barba-de-pau nas mãos

agradaria ao pai, à mãe ou às gêmeas. Segura a colheita de qualquer jeito, quando a vontade é de abandoná-la. Sente-se maluco. Ao mesmo tempo, tem vontade de voltar para reviver seja lá o que foi que acabou de acontecer.

Quando entra em casa, a árvore de Natal enfeitada é a primeira coisa que vê. Debaixo do pinheirinho, o buraco a ser preenchido com o presépio. Sem perder tempo, Tomás espalha a barba-de-pau aos pés da árvore e é surpreendido pela mãe. A mãe também fica surpresa. "O que aconteceu? Onde você se sujou tanto? Não era só pegar barba-de-pau?" Tomás não tem chance de responder. A mãe emenda, diz que, mesmo não estando na Bíblia, poderia ser pecado montar o presépio com as mãos e todo o resto do corpo sujo. Ela manda Tomás ir para o banho antes de tocar no Menino Jesus.

Tomás sai da sala e passa pela cozinha. A mesa está repleta de bolachas de Natal com glacê branco. As gêmeas salpicam, juntas, confeitos coloridos nos doces. Pensa em pedir uma bolacha, mas ouve o pai resmungar o seu nome. A voz podre de um corpo cansado passa pela porta entreaberta e chega à cozinha. Tomás vai até o quarto dos pais. Desiste das bolachas, esquece o banho e o presépio.

Vê o pai deitado na cama. A cama também está doente, foi o que a mãe disse quando decidiu comprar uma nova. E, assim, o quarto passou a ter duas camas. Duas camas em um quarto é sinal de enfermidade, duas camas em um quarto é igual aos hospitais.

Devagar, o pai diz: "Tua mãe". Trava os lábios fechados para engolir seco, "Disse que você". Outro engulho, mais seco ainda, "Que você foi buscar barba-de-pau na floresta". Tomás diz que sim. Em outros tempos, não teria coragem para cortar a fala do pai. Interrompê-lo sempre foi tido como afronta. De qualquer forma, ser educado já não salvaria mais o seu pai, que fecha os olhos. Espera. Respira fundo e solta o ar. O peito mal sobe e desce. Ele reabre os olhos. O pai duro, como se fosse o próprio presépio tão cheio de significado, olhando para Tomás. Sem ao menos piscar, o pai diz de uma só vez: "Eu sei. Vejo no teu rosto, em todo teu corpo. Escute, meu filho. Não vale a pena, não deixe ela te seduzir".

UMA DE NÓS

Esta é a última tentativa. Espero que ela seja a solução e me livre de todas as explicações quando me perguntarem por que eu sou assim. Contarei, mas dessa vez de uma forma inédita, por escrito. Até porque já está provado: as escrituras sempre são levadas mais a sério e não morrem tão cedo. Essa história também custa a morrer. Pode se passar mais vinte anos e vão continuar a me perguntar qual é a razão de eu ser assim. Quando o questionamento for feito outra vez — e sei que será —, alcançarei este texto sem dizer uma palavra; darei tempo ao leitor na segurança de que se contente com este meu relato e dê o meu comportamento como justificado. Este texto deverá estar sempre comigo, estou consciente disso, não posso sair de casa sem ele. Farei umas dez cópias, deixarei uma na bolsa, uma no carro, uma na casa dos meus pais e uma na segunda gaveta da mesa do trabalho. As demais, guardarei de reserva. Antes de começar, que fique claro: magoa contar a história e, ao contá-la outra vez, vem a certeza de que não houve, não há e não haverá solução; o que existe são apenas alguns remédios raspando a membrana plasmática, longe de atingir o núcleo das células que compõem a minha dor e a minha angústia. Agora, ao iniciar a escrita, mais uma vez reacen-

de a aflição. Nas próximas linhas, vou reviver o tormento. Me custa muito reviver o tormento. E fique claro: depois deste texto não existe nota de rodapé, glossário, epílogo. Tampouco apêndices, anexos ou referências bibliográficas. É isso.

Eu começaria com "aconteceu comigo", e partiria para os fatos. Todos são reais. Não posso dizer "aconteceu comigo" quando *a coisa* continua acontecendo. Então, sugiro ter o passado como o presente. Explico melhor: já faz mais de vinte anos e tudo se rasgou em uma hora. Essa uma hora — um pouco mais, talvez um pouco menos —, desde então, vive em todas as minhas horas. Isso explica a pergunta que fazem ao me conhecerem.

Eu sou assim porque, aos oito anos, em 1989, enquanto saía do colégio com o mesmo grupo de seis amigas da terceira série do fundamental, um homem apareceu. Nós, estudantes, usávamos uniforme padrão, o que nos tornava muito iguais. Exceto pelos cabelos, algumas tinham cortes mais curtos, outras, uns fios mais claros e algumas com mechas mais lisas, enquanto outras, madeixas crespas. Aconteceu no verão, o que significa cabelos radiantes, iluminados pelo sol e secos pelo ar.

Mesmo muito igual às minhas colegas, o homem me escolheu. Chamo-o de "o homem". Depois desse tempo, nenhum outro batismo, do mais horrível ao mais sujo, se tornou tão primário, sintomático e breve quanto "o homem".

Corremos apavoradas, eu e as outras meninas. Minha saia de linho se prendeu em algo. Não sei onde. Desculpa. Nunca chego na certeza. As coisas foram se apagando em mim; estragaram a história na minha mente e, por mais que eu já tenha repetido, repassado, revisado, não consigo identificar onde a minha saia colegial vermelha se prendeu. Para tentar fechar esse buraco, imagino a saia enganchada em um arame solto da grade do portão do colégio, em um galho de árvore morta, atirada no chão ou no bicicletário da calçada, mas eu não sei.

Nós seis, meninas iguais, desenhamos a rosa dos ventos na saída do colégio. Uma correu para cada lado e o homem no centro. Ele começou a me seguir. A agulha da sua bússola apontada para mim. Não consegui desengatar a minha saia, que descia até as canelas, mas nem por isso fiquei parada. Corri e o fio puxou. É difícil de explicar. Eu me tornei um carretel humano. A cada passo, abria os pontos da saia e diminuía o seu comprimento.

Nessa duplicada má sorte, corri e rodopiei até a parada de ônibus a uma quadra do colégio. O amontoado de gente esperando era o sinal do meio-dia. De perto de um homem, disparei para ficar junto de vários outros. Um ônibus parou bem no momento em que cheguei, apanhou algumas pessoas e depois seguiu entre os carros. Para tentar rasgar o fio da saia, sentei-me rápido em uma pontinha do banco da parada de ônibus, em um pequeno espaço que se abriu entre o vai e vem de pessoas.

Fio de linho não cede com a força das mãos de uma criança de oito anos. Nem com a força das mãos de alguém aos trinta ou sessenta. Mãos só conseguem rasgar três vírgula sete por cento das coisas do mundo. Eu pesquisei sobre para entender o motivo de não ter conseguido me soltar daquele fio. O linho não está junto à porcentagem de materiais que as mãos conseguem romper.

Acompanhado do fino rastro deixado pela minha saia colegial na calçada, o homem reapareceu. Ele usava o próprio linho para me encontrar. Em marcha lenta de pessoa despreocupada, ele se aproximou da parada de ônibus. Por poucos segundos, nem consigo ter consciência de quantos — senão, eu diria: foram quatro segundos, cinco, seis ou sete —, consegui perceber o homem. Alto, muito alto, feito o muro ao redor do colégio que a gente não conseguia escalar. Os cabelos dele eram de anos sem lavar e cortar. O rosto era a pintura do diabo. Na época, não sabia bem o significado de diabo. Hoje eu sei.

Levantei-me do banco da parada de ônibus e gritei para todos que aquele homem queria me pegar. Meu problema, penso eu, foi não ter apontado para ele e meu segundo problema foi ter saído correndo outra vez, sem dar tempo para alguém me proteger. Enquanto corria, o fio da saia ia se descosturando ainda mais. Fazia a volta pelas minhas pernas, me obrigando a girar em alguns momentos e a tropeçar em outros. Mesmo assim, não caí nenhuma vez.

Perdida, me escondi atrás de um contêiner verde de lixo. O cheiro do rejeito excitado pelo calor. O contêiner, ele mesmo me fez perceber que eu estava na rua do Centro. Nos bairros, cada casa possuía seu cestinho metálico de lixo. Aquele na frente da casa dos meus pais, na época, usávamos como cesta para brincar de basquete com uma bola de futebol. Até hoje, contêiner é coisa das ruas do Centro.

Não tive tempo de reconquistar o fôlego. Já estava investindo a minha força no linho, tentando a todo custo rasgá-lo. Puxei o fio até a boca e tentei mordê-lo. A porcentagem de coisas que os dentes humanos podem morder é ainda menor do que a porcentagem de coisas que as mãos podem rasgar. Do mundo, só conseguimos morder zero vírgula sete por cento.

A minha saia já estava desfeita na altura dos joelhos. Com o fio de linho na boca, cabelos suados, respiração rápida e mãos trêmulas, reparei um policial caminhando no outro lado da rua. Desisti de morder o fio e corri até ele, tomando o mínimo de cuidado com os carros. Quando um homem quer pegar você, carro nenhum entra no caminho. E foi no meio do caminho que o homem reapareceu. Me segurou pelo braço. Olhei nos seus olhos. Hoje, eu só consigo desenhar ele sem olhos, um nada acima do nariz. Eu gritei. As pessoas me olharam. Me olharam e sorriram. Outras nem me deram a atenção que eu tanto precisava. Eu estava fazendo cara de filha brincando de pega-pega com o pai no Centro da cidade e naquele momento o pai havia me pegado? Ou passava a imagem de uma criança

birrenta? A filha que não ganhou o brinquedo da loja de um e noventa e nove? Penso nessas coisas hoje. Naquela hora, minha preocupação era tirar a enorme mão do meu braço. E, aqui, mais um momento de esquecimento gerado pelo tempo: não sei como consegui me soltar, simplesmente não sei, mas consegui e saí correndo. O fio de linho descosturando a minha saia atravessou a rua. Rodopiei e abracei a cintura do policial. Lembro de chorar, pedir ajuda e o policial me olhar sorrindo. De um jeito confuso, expliquei que o homem estranho, suspeito, ladrão ou bandido, estava atrás de mim. O policial me pediu calma. Disso eu não esqueço: o policial me dizendo para ir com aquele homem enquanto ele atravessava a rua para me pegar. Antes de disparar outra vez, com a certeza de que o policial não me protegeria, eu gritei: não é meu pai, não é meu pai, não é meu pai. O policial entendeu que não era o meu pai. Eu tenho certeza. Mesmo assim, continuou dizendo aos berros para eu ir com o homem.

Saí, colocando máxima força nas minhas pernas, sem olhar para trás, e o fio da saia desenrolando comigo. Corri em direção à igreja. Subi as escadas, dei os rodopios, conforme o linho pedia, até chegar nos bancos mais próximos do altar. Ao meio-dia as igrejas estão vazias porque a barriga fala mais alto do que qualquer santo. Deitei no banco de madeira para descansar e me esconder. Minha coxa já estava à mostra. Poderia ser expulsa da igreja por estar com roupa indevida. No chão, o fio pendurado em mim, como se me encarasse. Logo mais, correr revelaria a calcinha.

O ar gelado da igreja me acalmou. Lembrei-me da minha avó, ela dizia: pessoas ruins não entram nas igrejas. O homem ficaria distante. Outra vez, tentei rasgar com as mãos e os dentes o fio de linho. Ele não rompeu, é claro. As pesquisas estão aí para confirmar ser impossível romper o linho com a força das mãos e dos dentes.

As igrejas abrigam velas. Levantei minha cabeça do banco para ver se existia alguma acesa. A porcentagem de coisas que o fogo consegue queimar é muito alta. Mesmo sem ter chegado a um número exato, estima-se que o fogo consome noventa e nove vírgula quatorze por cento das coisas do mundo. E o linho é uma delas.

Não vi nenhuma vela, como se as pessoas da cidade fossem corajosas diante dos pecados e não tivessem súplicas e nem promessas a pagar. Mas na porta principal da igreja estava o padre, parado, olhando para o fio vermelho, que mais lembrava uma espichada e magra cobrinha morta no corredor ladrilhado entre os bancos. Eu até posso esquecer de algumas coisas, mas não esqueço do padre me dizendo para me aproximar. O padre, dizendo que o meu amigo estava me esperando. E, então, o homem saiu de trás de uma gorda pilastra redonda e dourada. Ele parou ao lado do padre. O anjo e o demônio juntos.

Levantei-me do banco. Pulei por cima de outros bancos e corri até o altar-mor, mas não antes de derrubar uma estátua do Sagrado Coração de Maria. O fio de linho quebrou a mãe de Jesus. Naquele momento não sabia que se tratava

da Virgem Maria, descobri depois — fui até a igreja inúmeras vezes para tentar entender todos os acontecimentos que me fizeram ser assim. Várias tentativas de reconstituir os momentos na mente e caminhar pela minha via crucis. Se você for à igreja do Centro vai ver que a imagem da santa foi substituída por uma igual.

Eu consegui sair da igreja por uma porta menos pomposa atrás da nave e voltei para o calor do Centro da cidade. Logo vi um orelhão de cabine laranja do outro lado da rua. Boa parte da minha calcinha já estava à mostra. O restante da saia prestes a sumir, mas eu precisava do telefone. Corri. Dei os últimos rodopios, conforme o fio da saia se desenrolava, e cheguei ao orelhão. Tirei o fone do gancho, coloquei na orelha e já disquei o noventa, noventa e em seguida o telefone da minha casa. Nem ao menos ouvi o primeiro toque da chamada. O homem me pegou por trás.

Minha mãe atendeu, eu soube anos depois. Ela disse à minha tia — nunca teve coragem de me contar em vida — ter escutado uns barulhos de dor e desespero. A tia me confessou, também, que minha mãe sonhava com esses barulhos de sofrimento e os ouvia pelos cômodos da casa.

Quando acordei, estava deitada na calçada, com uma das minhas mãos agarrada no poste azul descascado do orelhão. O fone preto pendurado, balançava acima do meu rosto. Vi o fio de linho vermelho da minha saia colegial arrebentado. Vi, ao lado, o homem de pé. Vi uma mulher jovem passar. Ela voltou e perguntou se eu estava bem.

Tentei responder, mas foi como se a minha voz estivesse esburacada. Me sentei, escorando as costas no poste do orelhão. A mulher esperava a minha resposta, se ajoelhou para ouvir melhor o que eu tentava dizer. Muito baixo, falei: o homem me pegou. Aterrorizada, a mulher perguntou qual era o homem. Consegui apontar para ele. A mulher gritou. O homem se assustou com o berro e saiu correndo. Não sei o que ela gritou, isso também já está apagado. Tentei achar essa mulher por anos e nunca a encontrei. Seria bom ouvir dela a visão dos acontecimentos. Só ela tem guardada na memória a minha imagem jogada na calçada.

Aquela mulher e o seu grito despertaram alguma coisa. As pessoas correram atrás do homem. Vi aquele policial pular em cima dele. Não teve jeito, o homem caiu no chão. Mais pessoas se aproximaram. Até mesmo a mulher que gritou tão perto de mim já estava lá, o padre também. Um grupo se formou. Começaram a chutar, bater e atirar coisas no homem. Pessoas pularam umas em cima das outras para conseguir socar o homem. Motoristas pararam os carros e os ônibus no meio da rua para se juntar ao rebuliço.

As pesquisas dizem que o ser humano tem capacidade suficiente para matar cem por cento do que possa existir no mundo.

Levantei do chão enquanto a multidão crescia adiante. As minhas pernas estavam bambas, tremelicavam abaixo de zero mesmo no sol do meio-dia. A saia totalmente desfeita, só restou o elástico preso na minha cintura. As

pessoas passavam por mim, se juntando à multidão, e lá muitos gritavam, atacavam, batiam, chutavam. Nem dava mais para ver o homem no meio daquela histeria.

Peguei o fone do orelhão e o aproximei do rosto. Reiniciei a chamada para a minha casa. Dois toques e minha mãe atendeu. Quando ouvi a voz, uma sílaba da minha mãe carregada de preocupação, foi o suficiente para me fazer chorar. E, a partir daí, eu nunca mais fui a mesma. Entenda. Não dá mais para ser igual, às vezes eu penso que fica difícil ser qualquer coisa.

VAMOS JUNTOS

Como se adivinhasse que faltaria luz logo mais, a mãe esquenta só feijão e arroz. Sem tempo pra carne. Pelo barulho no telhado, a chuva parece não cair em pingos, mas de outra forma, sem interrupção, sem divisão. Na mesa, o prato tá servido. A comida não tá boa. A mãe dá colheradas pro mano. Ele também sente que a comida não tá boa, mas, como ainda não fala, come. Eu falo há um bom tempo, mas não quero dizer que a comida tá ruim.

Nossa casa é muito pequena. Ela não é grande, igual o temporal. Mastigo. Sinto um tiquinho da chuva na minha cabeça. Me arrepio. Olho pra cima. A água desce pelo bico de luz aceso. Outro pingo cai dentro do meu prato, se mistura com feijão e arroz.

O telhado treme. Ele tá com frio. A chuva é gelada, eu sei.

Ser menino grande me dá o direito de escolher a colher na boca. Já o mano, tem que seguir o ritmo da mãe. Hoje, ela quer tudo rápido e o mano se engasga. Minha mãe diz, "Só, só, só. Já passou. Já passou", dando batidinhas nas costas dele.

Nossa casa é mesmo muito pequena. A mãe só espicha o braço e já consegue pegar um copo na pia. O mano toma água devagar. Ele não tem a mesma pressa da mãe. Eu não quero mais feijão e arroz. Pinga mais no meu prato e tudo vira uma sopa gelada dentro dele.

O temporal tá grande demais, os trovões lá fora também e a nossa casa continua muito pequena. A mãe olha pras paredes e pro teto da casa o tempo todo. Ela passa um pano úmido na minha boca e me manda pra cama. Vou correndo.

No quarto, o barulho da chuva é maior ainda. O vento é o pé de um gigante. Deito e cubro a cabeça até as orelhas.

Nem demora muito e a mãe entra no quarto e coloca o mano no berço dele. Pergunto pelo pai. Se eu não posso brincar na rua, ele também não pode. "O teu pai vem logo", ela me diz, ajeitando o cobertor em cima de mim, tirando ele das minhas orelhas.

De verdade, não quero que o meu pai chegue. Ele chegar quer dizer que andou na chuva e ficou se divertindo sozinho de noite sem mim. Eu nunca posso brincar de noite. Também não posso tomar banho de chuva porque minha mãe diz que eu fico doente, mas eu não lembro de ter ficado doente por causa da chuva. Acho que a minha mãe não quer que eu vá porque, lá no fundo, ela morre de medo da chuva e da ventania e dos raios. E os trovões não param.

A mãe desliga a luz e sai do quarto, desejando boa-noite. O clarão dos raios não me deseja boa-noite. Eu sei, o mano sempre dorme primeiro. Ele não entende nada de temporal, não tem medo. Eu também não tenho medo, mas a mãe tem. E aí eu fico com medo por ela.

É tanto barulho de chuva e de trovões que não dá pra escutar outra coisa. Quando a mãe tá em casa, sempre tem panela, prato, cadeira, arrumação ou o rádio ligado. Com a mãe nunca é silêncio. O temporal barulhento deve ser a mãe do céu.

O mano não gosta nada de ser tirado da cama. Um bom tempo depois, a mãe entra no quarto, liga a luz e pega ele. Ele começa a choramingar. Eu não. Eu pulo rápido pra fora da cama. Nós três vamos pra sala, que também é cozinha. Chego primeiro. Vejo o pai sentado perto da mesa. Corro na direção dele, mas a mãe me puxa e me coloca no sofá. Ela deixa o mano do meu lado.

Outro trovão balança as paredes, elas tremem igual à mãe, que vai de lá pra cá. Ela pega casaco pro mano e pra mim. Eu não quero usar casaco, mas a mãe me veste.

Olho pro pai. Ele tá cansado, mas os olhos estão bem abertos, olhando pro chão. Ele tá molhado e destrambelhado, como se tivesse lutado contra o touro xucro da chuva. Corro em direção ao pai outra vez. A mãe grita mais alto que o trovão. Volto pro sofá pra obedecer ela. Nesse ir e vir, tão rápido, me dou conta de que o pai não me dá atenção.

Tá mole. Ele parece babar igual o mano faz ou é só água da chuva escorrendo mesmo.

Outros pingos caem em mim. A mãe termina de vestir o casaco no mano e vai até à cozinha, que é logo ali. Ela pega sacolas de mercado e coloca na minha cabeça como um capacete. Amarra a sacola na minha testa, protegendo o cabelo. Faz a mesma coisa no mano. A minha sacola é amarela e a do mano é branca. Parece que a gente é de time diferente.

Pergunto pra mãe sobre o pai. Ela me diz que ele tá bem.

Eu digo: "Vem pai, vem pai", quando a mãe pega o mano no colo e eu na mão. Já entendi que vamos sair de casa. Os pingos caem no meu capacete de sacola.

Todos os trovões são grandes. A luz começa a acender e apagar bem rápido. Só termina de piscar quando tudo fica escuro. O mano chora. Ele pode não saber nada de temporal, mas tem medo do escuro.

Dos raios, a claridade vem e vai. Ilumina e apaga as duas fotos na parede. O vento é misturado com a chuva. A chuva é misturada com a casa.

Debaixo das roupas e da sacola na minha cabeça, sinto quando o telhado desgruda das paredes. Vejo todo o teto se desprender, igual uma tampa da panela.

A mãe, com o mano no colo e eu no outro braço, chega perto do pai. A gente se molha. Se molha por inteiro. A

mãe solta a minha mão e puxa o pai. Eu ajudo. Não eram mais os pingos das goteiras de antes, agora é a chuva inteira na minha cabeça.

Puxando o pai, com o mano chorando, saímos de casa. Nós quatro andamos no gramado. Quando a mãe vai pro chão, nós vamos juntos. Somos a extensão dela. Cai o mano, o pai e eu logo depois. A grama é uma poça de água gigante, mas a mãe é ainda maior. Ela se levanta. Pega o mano no colo. Ele só chora. A mãe puxa o meu braço e eu fico de pé. O capacete de sacola para nos meus olhos, ajeito ele na minha cabeça.

O pai fica. Fica no chão. Eu e a mãe puxamos ele. Minha mãe diz: "Anda homem, me ajuda, levanta". E nada. Eu nem vejo o pai direito no meio da chuva, mas vejo que minha mãe precisa escolher entre nós e ele.

Ela larga o pai, mas não larga eu e nem o mano de jeito nenhum. Segura eu e o mano com força e segue com nós até pararmos em um telhadinho menor do que o da nossa casa, mas em um telhadinho que ainda tá de pé. A mãe pede pra eu sentar no banco da parada de ônibus. Ela coloca o mano no meu colo. Eu seguro ele bem firme. Depois, a mãe se mete no meio da chuva, do seu vento, dos seus raios e dos seus trovões.

A mãe some. Eu fico. E balanço o mano no colo, pedindo pra ele parar de chorar. Ele não me entende e continua. Um choro gritado. O mano tem tanta força quanto o temporal, mesmo ele sendo menor que o céu.

Eu arrumo a sacola que tá na cabeça do mano porque ela tá quase pegando no olho dele. Levanto um pouco a sacola na testa e sinto que o cabelo do mano tá molhado. Nem adianta a sacola, mas eu não vou tirar porque foi a mãe que colocou. E aí ela me xinga depois. Melhor deixar assim. Eu passo a mão na sacola da minha cabeça, mas não sei dizer se meu cabelo tá ou não tá molhado. Mas o cabelo do mano tá molhado, sim.

Eu e o mano estamos com sacolas de cores diferentes na cabeça, mas somos iguais. A não ser pelo choro, porque eu não choro, e a não ser pelo grito também. O mano grita pra fora e eu grito pra dentro. Eu e ele somos irmãos completos e molhados. Temos a mesma mãe, o mesmo pai e a mesma casa pequena sem telhado. Usamos os mesmos pratos. Comemos feijão e arroz antes de sair. Dormimos no mesmo quarto. E naquele dia que a mãe comprou só um picolé de uva, eu lambi um pouco, depois era a vez do mano e aí eu de novo, e depois voltou pra ele. Um esperou o outro, e a gente ficou com a boca roxa e a mãe riu disso, e aí eu comecei a rir também e o mano que nem sabe rir direito também riu. Mesmo com sacolas de cores diferentes na cabeça, não me dá nenhuma vontade de ser de outro time, se não do time do mano. E ele pode ser do meu time, se quiser. Eu aceito. Sempre vou aceitar ele.

Entre os clarões, vejo a mãe se aproximar. Ela carrega o pai, que mais se arrasta do que caminha. A mãe senta o pai no banco da parada de ônibus, bem do nosso lado. O

pai tá com aquele cheiro. A mãe já me disse que é cheiro de bar. Cheiro de bar não sai nem com o temporal mais forte.

A mãe também senta no banco da parada de ônibus. Ela nos abraça. Tá frio. Não sei qual ônibus passa a uma hora dessas. A chuva não para. Os trovões continuam altos e o choro do mano também. Mesmo com tanto barulho, eu escuto, bem baixinho, o pai pedir desculpa, desculpa, desculpa. Ele abraça eu, o mano e a mãe, descansa a cabeça no meu ombro e diz que não era pra ser assim.

[posfácio]

"Todo conto perdurável é como a semente onde dorme a árvore gigantesca. Essa árvore crescerá em nós, inscreverá seu nome em nossa memória"[1]. Assim, no ensaio "Alguns aspectos do conto", Julio Cortázar refere-se a contos inesquecíveis, os quais marcam nossas vidas. Os contos do *Menores que o céu* são sementes de árvores gigantescas: dentro de leitoras atentas e de leitores atentos (es), as onze narrativas aqui presentes germinarão, aumentarão de tamanho, espalharão raízes, ramos, galhos e, por muito tempo, permanecerão como robustas lembranças.

Mas por que os contos escritos por Gean Paulo Naue são assim marcantes? Alguém poderia dizer "pela escolha dos temas". Afinal, a infância não consiste necessariamente em um período idílico. Pelo contrário, muitas vezes, a infância é um tempo de traumas e de duros aprendizados, cicatrizes para sempre insculpidas na existência da pessoa.

Concordo que *Menores que o céu* é um excelente exemplo de que quem sobreviveu à infância tem conhecimentos

[1] CORTÁZAR, Julio. "Aspectos do conto". In **Valise de Cronópio**, São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 155.

sobre a vida que durarão para o resto de seus dias[2]. Também não posso deixar de destacar a originalidade do livro em apresentar as crianças protagonistas de cada conto como indivíduos muito mais maduros e sábios do que os adultos com os quais elas se relacionam, como se os papéis estabelecidos pela sociedade estivessem invertidos. Ainda assim, a temática não definiria por si só o efeito causado por este livro em quem o lê. Caso contrário, seria impactante todo texto que tratasse de doença incurável, egoísmo dos pais, abandono parental, mortes de irmãos, amigos, colegas, pais, padrinhos, abusos sexuais, bullying, solidão infantil, e de quaisquer outras tragédias que possam assolar os primeiros anos de vida de alguém.

Um conto não se torna a semente de uma árvore gigantesca devido a seu tema. Porque "em literatura não há temas bons nem temas ruins, há somente um tratamento bom ou ruim do tema"[3]. E, como um excelente contista que demonstrou ser, Gean Paulo Naue fez excelentes tratamentos dos temas em *Menores que o céu*.

Nos onze contos, desde a primeira frase, toda palavra, metáfora, peripécia, todo elemento do cenário, diálogo, *flashback*, está no texto com a única função de levar quem lê, sem distrações, em direção ao desenlace. Nesse *tour de force* de concisão e de escolha das palavras certas, Gean

[2] Anybody who has survived his childhood has enough information about life to last him the rest of his days – frase atribuída à Flannery O´Connor.

[3] CÓRTAZAR. Op. Cit. p. 153.

Paulo Naue gera a unidade de efeito prescrita por Edgar Allan Poe[4] a contistas, bem como atinge a intensidade e a tensão lecionadas por Julio Cortázar como necessárias a um bom conto[5]. Além disso, consegue resolver um dos grandes problemas técnicos do conto: contar uma história enquanto se conta outra.

Para Ricardo Piglia[6], um conto sempre conta duas histórias. Um relato visível (história 1) esconde um relato secreto (história 2), narrado de um modo elíptico e fragmentário. A arte do conto consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da 1.

Em *Menores que o céu*, Gean Paulo Naue não apenas executou tal tarefa com sucesso, como o fez demonstrando grande versatilidade estilística. Em "A maior mordida de todas" e "Um de nós", a história secreta, insinuada desde as primeiras frases do conto, emerge no final, gerando um efeito de surpresa: a doença dos pais que nem se importam com o que é melhor para o filho desde que ele fique vivo ("a pessoa errada foi enviada para a floresta"); a vingança armada por Eduardo ("Eu podia ter te matado"). Já em "A história de Cissinha que também é a minha", "Perdedor", "Barba-de-pau" e "Uma de nós", ao desenlace une-se o elemento fantástico, incluído nas narrativas de forma bri-

[4] POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. São Paulo: 7 letras, 2008.

[5] CORTÁZAR. Op. Cit.

[6] PIGLIA, Ricardo. "Teses sobre o conto". In: **Formas breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

lhante. Em outros contos, como em "Nem mesmo quando mais se precisa", "Minha querida", "Em meio a essa plantação", "Vamos juntos", Gean Paulo Naue abandona o final surpreendente e a estrutura fechada, e a história cifrada aparece sutil e subentendida: o abandono parental; os sentimentos contraditórios trauma-luto-culpa-ciúme diante da morte do irmão; a solidão da criança que só se sente bem na companhia dos animais do rancho; a penúria na infância e o sentimento de impotência dos pais frente às necessidades dos filhos. Em "Pastel de queijo", a história 2 está a tal ponto escondida que o conto pode parecer a mera descrição de uma tarde no clube, aos moldes da Teoria do Iceberg de Ernest Hemingway, pela qual o mais importante nunca se conta.

Sobre aspectos narrativos mais genéricos presentes em *Menores que o céu*, os quais poderiam estar tanto em um romance quanto em um conto, pois comuns aos dois gêneros literários, quero destacar outro tipo de versatilidade: a linguística. Gean Paulo Naue transita entre as falas de um menino de doze anos à beira da morte, de um curandeiro, de um organizador de rinhas de galo, de uma diretora de escola, de uma menina comendo pastel à beira da piscina, de uma mulher abusada na infância, e cada personagem tem sua voz própria, e todas as vozes são diferentes do narrador em terceira pessoa quando este aparece. Tal pluralidade (cada vez mais rara na literatura brasileira, que está cheia de livros em que todas as personagens falam igual, normalmente com a voz da pessoa que escreveu a obra) dá

verossimilhança às narrativas e, ao explorar a tão diversa língua portuguesa falada no Brasil, enriquece muitíssimo todas elas.

Eu poderia ainda analisar a qualidade dos diálogos, a consistência das personagens, a escolha perfeita dos narradores e dos tempos verbais, a construção do não tempo e do não espaço, a delicadeza com que a profunda crítica social está costurada sutilmente ao longo de todos os enredos, sem discursos e sem panfletagens. Porém, restrinjo-me a apenas deixar esses tópicos aqui como sugestões para quem quiser se debruçar criticamente sobre o *Menores que o céu*.

As muitas camadas existentes em cada um dos onze contos permitiram-me os explorar sob quaisquer dos diferentes enfoques com os quais normalmente se examina uma narrativa. Devido à minha formação em criação literária, optei pela abordagem dos contos como objetos linguísticos fechados em si, independentemente das questões internas e externas que levaram Gean Paulo Naue a criar os onze enredos, bem como das diversas formas como as tramas poderão ser interpretadas. No entanto, arrisco dizer que, em breve, este livro ensejará análises psicológicas, sociológicas, historiográficas, e, até mesmo, biográficas, pautadas na vida do autor.

Arrisco também finalizar este posfácio com uma resposta, dentre tantas possíveis, à pergunta feita alguns parágrafos acima: por que os contos de *Menores que o céu* são do tipo que perdura na memória? Pois Gean Paulo Naue

uniu a relevância dos temas ao apuro técnico. Encontrou a melhor maneira (ou a única) para contar as histórias que desejava contar. Realizou a difícil tarefa de aglutinar, em cada um de seus contos, uma realidade infinitamente mais vasta que a de seus meros argumentos[7]. E, com isso, gerou, conto a conto, uma "fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana[8]".

Leila de Souza Teixeira

É autora de *Em que coincidentemente se reincide* (Dublinense, 2012, Finalista APCA Categoria Contos) e de *Se eu não posso ser quem sou* (Editora Zouk, 2022) e mantém oficinas de criação literária desde 2015.

Charlottesville, fevereiro de 2023.

[7] CORTÁZAR. Op. Cit.

[8] CORTÁZAR. Op. Cit.

*

* *

GEAN PAULO NAUE

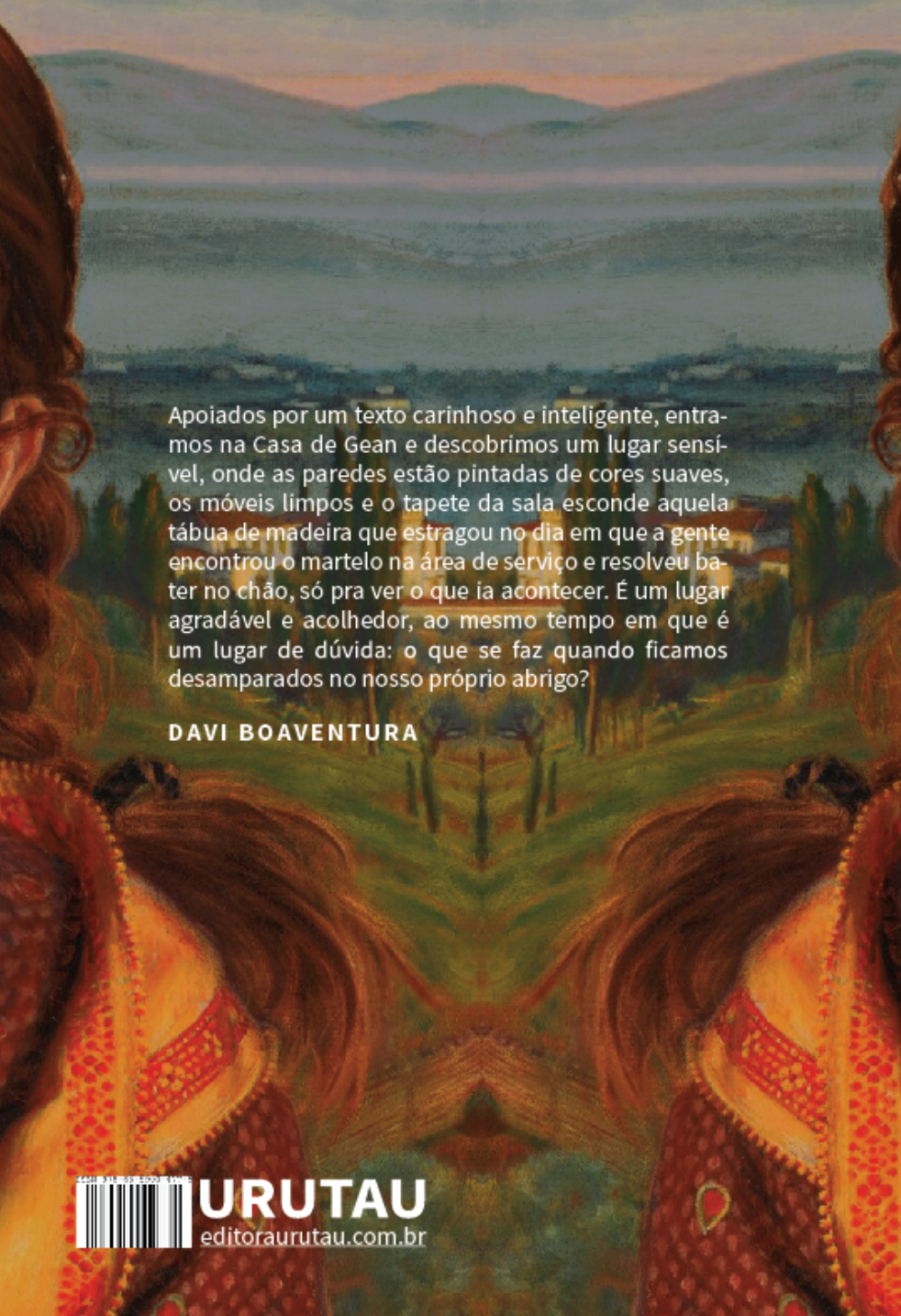
nasceu em 1993, no interior do Rio Grande do Sul, no município de Venâncio Aires, cidade em que mora. É graduado em publicidade e propaganda, possui formação pedagógica e pós-graduação em educação. Em 2020, fez parte da Oficina de Criação Literária da PUCRS, uma das mais tradicionais do país, ministrada pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. É redator publicitário e já participou de antologias de contos. *Menores que o céu* é o seu primeiro livro de contos.

FOTO DO AUTOR: Antoni Fritsch.

este livro foi editado

no outono

de 2023



Apoiados por um texto carinhoso e inteligente, entramos na Casa de Gean e descobrimos um lugar sensível, onde as paredes estão pintadas de cores suaves, os móveis limpos e o tapete da sala esconde aquela tábua de madeira que estragou no dia em que a gente encontrou o martelo na área de serviço e resolveu bater no chão, só pra ver o que ia acontecer. É um lugar agradável e acolhedor, ao mesmo tempo em que é um lugar de dúvida: o que se faz quando ficamos desamparados no nosso próprio abrigo?

DAVI BOAVENTURA

URUTAU
editoraurutau.com.br